



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

**Mar de Gerações: histórias de vida da Ilha da Culatra em
doodles e assemblagem**

Alexandra Sofia Grelha Felisberto

Orientador(es) | Teresa Veiga Furtado

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

**Mar de Gerações: histórias de vida da Ilha da Culatra em
doodles e assemblagem**

Alexandra Sofia Grelha Felisberto

Orientador(es) | Teresa Veiga Furtado

Évora 2025



O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Manuela Cristóvão (Universidade de Évora)

Vogais | Ana Pérez-Quiroga (Universidade de Évora) (Arguente)
Teresa Veiga Furtado (Universidade de Évora) (Orientador)

Culatra,
Abrigo dos culatrenses,
És pérola de todos nós,
Tu vibras choras e sentes
O viver das tuas gentes
Desde o tempo dos avós.

Culatra,
Ilha linda e acolhedora,
Berço dos teus habitantes,
És uma linda senhora
E a tua virgem protetora
A Senhora dos Navegantes.

Culatra,
És ilha de pescadores
Valentes lobos do mar
Os teus filhos são senhores
Que por ti são lutadores
E nunca te vão deixar.

Culatra
Que em muitas gerações
Viste teus filhos crescer
Vibrando nas emoções
Vais pedindo em orações
Prá fúria do mar vencer.

Florival D. Reis Pereira, "Culatra, uma comunidade de pescadores e mariscadores", 2008, p. 7.

Agradecimentos

Agradecer é sempre a melhor forma de demonstrar carinho e gratidão com todos aqueles que nos ajudam, de forma direta ou indireta, a alcançarmos os objetivos que traçámos.

Foi necessário o apoio de familiares, professores e amigos, para a conclusão com sucesso de mais uma etapa da minha vida pessoal e académica.

Foram muitas as pessoas com quem tive o prazer de aprender e trocar ideias, ao longo deste percurso, e a quem gostaria de agradecer:

À minha orientadora Professora Teresa Veiga Furtado, por ter aceitado este desafio de orientar o meu projeto e por todas as soluções, ideias, sugestões e carinho que me apresentou ao longo da execução do mesmo, e também pela enorme confiança, persistência, afeto e estímulo no decorrer da realização de todo o trabalho de investigação.

À minha Mãe, que nunca mediu esforços para me apoiar com a sua perseverança, amor e educação, e também ao Orlando e aos avós pela confiança, solidariedade, apoio e dedicação.

Aos melhores amigos e colegas, porque acreditaram em mim.

Aos culatrenses, pelo acolhimento e convívio, pela partilha das suas histórias e memórias que permanecerão para sempre em mim! Com a comunidade culatrense aprendi a deixar um pouco de mim e a levar um pouco dos outros.

E por fim, não posso deixar de agradecer à Universidade de Évora por estes magníficos seis anos de aprendizagem, que ficarão para sempre gravados na minha memória.

Levo comigo, Évora.

A todos um grande Bem Hajam, sem vocês não seria possível concretizar esta pesquisa, por isso o meu agradecimento especial a todos.

Resumo

O Relatório de Trabalho de Projeto intitulado “Mar de Gerações: histórias de vida da Ilha da Culatra em *doodles* e assemblagem”, é uma investigação artística (“art-based research”), que tem como questão central compreender como o património cultural material e imaterial da ilha da Culatra, inscrito nas memórias individuais e coletivas das suas gentes, pode ser preservado e disseminado através de práticas artísticas como as da assemblagem e dos “doodles”.

Enquanto algarvia descendente de pescadores e de pessoas ligadas ao mar, inspiro-me nas minhas vivências pessoais e nas histórias de vida da população piscatória da Ilha da Culatra, para criar as minhas peças e instalações. Estas têm como elementos principais objetos encontrados ou oferecidos pelos habitantes da ilha, recorrendo à assemblagem combinada com “doodles”. No decorrer do processo de criação dos meus trabalhos, serviram-me de inspiração os artistas Louise Nevelson, pioneira da assemblagem monumental, e Sam Cox, artista que exponenciou a expressão artística dos “doodles”.

Os meus trabalhos artísticos resultam de uma pesquisa que tem como base a etnografia, a história do local, as práticas laborais, as tradições coletivas e as vivências individuais e coletivas da comunidade culatrense. Estes elementos são recolhidos através de entrevistas realizadas por meio de uma escuta empática das pessoas da ilha, e da análise de obras diversas focadas na ilha da Culatra, de autores como a jornalista cultural Ana Cristina Leonardo.

Palavras-chave: Ilha Culatra; histórias de vida; assemblagem; “doodles”; escuta empática

Title: Sea of Generations: life stories from Culatra Island in doodles and assemblage

Abstract

The Project Work Report entitled "Sea of Generations: life stories from Culatra Island in doodles and assemblage" is an art-based research project whose central question is to understand how the material and immaterial cultural heritage of Culatra Island, inscribed in the individual and collective memories of its people, can be preserved and disseminated through artistic practices such as assemblage and doodles.

As an Algarvian descendant of fishermen and people connected to the sea, I draw inspiration from my personal experiences and the life stories of Culatra Island's fishing population to create my pieces and installations. The main elements are objects found or offered by the island's inhabitants, using assemblage combined with doodles. During the process of creating my work, I was inspired by Louise Nevelson, a pioneer of monumental assemblage, and Sam Cox, an artist who exponentialised the artistic expression of doodles.

My artwork is the result of research based on ethnography, local history, labour practices, collective traditions and the individual and collective experiences of the Culatrense community. These elements are collected through interviews carried out by empathetically listening to the people of the island, and by analysing various works focused on the island of Culatra, by authors such as cultural journalist Ana Cristina Leonardo.

Keywords: Culatra Island; life stories; assemblage; doodles; empathetic listening

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL-----	5
ÍNDICE DE FIGURAS-----	7
INTRODUÇÃO-----	12
CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE: DA ASSEMBLAGEM AO DOODLING -----	14
1.1. Reunir, recombina	14
1.2. As assemblagens escultóricas desafiadoras da artista pioneira Louise Nevelson -----	17
1.3. A mensagem ambiental da arte do desperdício de Bordalo II -----	20
1.4. Da garatuja à expressão artística-----	27
1.5. A compulsividade dos doodles de Sam Cox (Mr Doodle) e o movimento vibrante das linhas de Keith Haring -----	34
CAPÍTULO 2. A COMUNIDADE CULATRENSE -----	40
2.1. Genealogia da comunidade culatrense-----	40
2.2. As artes da pesca-----	44
2.3. Festividades -----	52
CAPÍTULO 3. PRÁTICA ARTÍSTICA -----	58
3.1. O processo criativo que sustenta a minha prática artística-----	58
3.2. Ancorado-----	72
3.3. Abundância-----	74
3.4. União-----	75

3.5. Alcatruzes	76
3.6. Sustento	77
3.7. Protetora	78
CONCLUSÕES	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
Bibliografia	82
Webgrafia	84
Figuras	86
ANEXOS	89
ANEXO I – Trabalhos do 1º ano Curricular	90
ANEXO II – Levantamento do lugar através de registos fotográficos realizados de 2023 a 2024.	93
ANEXO III – Registos videográficos	101
ANEXO IV – Entrevistas à comunidade Culatrense	102
Entrevista a Patrícia Grelha	102
Entrevista a Cecília Maria da Conceição Mendonça	103
Entrevista a Rui Ferreira da Conceição	105
ANEXO V – Trabalho em colaboração com a Revista AMagazine e Museu Nacional do Azulejo, 2024, Lisboa	111

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1 – Jean Dubuffet, 1957, “Portrait d’homme”, asas de borboleta, tinta e guache s/papel, 24 cm (L) x 16 cm (A).	15
Fig. 2 – Louise Bourgeois, 2001, “Cell XXV (The View of the World of the Jealous Wife)”, aço, madeira, mármore, vidro e tecido, 254 cm (L) x 304,8 cm (A) x 304,8 cm (P).	16
Fig. 3 – Louise Nevelson, 1974, “Sky Jag IV”, 124.5 cm (L) x 130.8 cm (A) x 24.1 cm (P). .	18
Fig. 4 – Louise Nevelson, 1980, “Sky Wall”, 106,7 x 132,1 x 20,3 cm.	18
Fig.5 – Louise Nevelson, 1958, “Sky Cathedral”, 343.9 cm (L) x 305.4 cm (A) x 45.7 cm (P).	19
Fig.6 – Bordalo II, 2013, ‘O Caranguejo”, Açores, assemblagem, s.d.	22
Fig. 7 – Bordalo II, 2013, “Our Gift to Mother Nature”, Lisboa, assemblagem, s.d.	23
Figs. 8-9 – Bordalo II, 2016, “Pelican”, Aruba, assemblagem, s.d.	24
Figs.10-11 – Bordalo II, 2017, “Half Rabbitt”, Vila Nova de Gaia, assemblagem, s.d.	25
Fig. 12 – Bordalo II, 2021, “Cavalo Marinho”, UAIG, s.d.	26
Fig.13 – Bordalo II, 2021, “Cavalo Marinho”, Praia de Faro, 2021.	27
Fig.14 – Alexandra Grelha, 2025, “Doodles elaborados por mim, pelo meu avô, e amigos”, dimensões variadas.	29
Fig. 15 – Google, 2024, “Portugal National Day”, logótipo.	30
Fig. 16 – Google, 2022, “Sophia de Mello Breyner Andresen’s 103rd Birthday”, logótipo.	31
Fig. 17 – Google, 2011, “Fernando Pessoa's 123rd Birthday”, logótipo.	31
Fig. 18 – Kandinsky, 1923, “Composição VIII”, pintura a óleo sobre tela, 140 cm (A) x 201 cm (L).	32
Fig.19 – Mr Doodle, 2018, “MTV”, doodles, s.d.	35
Fig. 20 – Sam Cox, 2022, “Doodle House”, s.d.	36
Fig. 21 – Keith Haring, 1987, “Untitled (Dance)”, tinta acrílica sobre tela, 213,4 cm (A) x 304,8 cm (L).	37
Fig. 22 – Keith Haring, 1989, “Fold 'n Please Card”, tinta acrílica e marcador sobre papel, 21,6 cm (L) x 13,3 cm (A).	37
Fig. 23 – Keith Haring, 1989, “Todos Juntos Podemos Parar el SIDA”, Barcelona, tinta acrílica sobre mural, c. 400 cm (L) x 1000 cm (A).	38
Fig. 24 – Keith Haring, 1986, “Gay/Lesbian Pride Day”, Nova Iorque, tinta acrílica sobre tela, 213 cm (L) x 213 cm (A).	38
Fig. 25 – Alexandra Grelha, 2024, “Procissão da Festa da Padroeira da Ilha da Culatra”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	43

Fig. 26 – Alexandra Grelha, 2024, “Procissão da Festa da Padroeira da Ilha da Culatra”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	43
Fig. 27 – Alexandra Grelha, 2023, “Pescador na sua azáfama com as redes I”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	45
Fig. 28 – Alexandra Grelha, 2023, “Pescador na sua azáfama com as redes II”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	45
Fig. 29 – Alexandra Grelha, 2023, “Zona de Trabalho”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	46
Fig.30 – Alexandra Grelha, 2023, “Zona de Trabalho”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).	46
Fig. 31 – Alexandra Grelha, 2024, “Aquicultura”, fotografia, 1080 px (A) x 1030 px (L).	47
Fig. 32 – Alexandra Grelha, 2023, “Armazenamento”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).	47
Fig. 33 – Alexandra Grelha, 2023, “Covos I”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).	48
Fig. 34 – Alexandra Grelha, 2023, “Covos II”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).	48
Fig. 35 – Alexandra Grelha, 2023, “Apanha da amêijoia”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	49
Fig. 36 – Alexandra Grelha, 2023, “Dona Lena”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	50
Fig. 37 – Alexandra Grelha, 2024, “Passadiço”, fotografia, 1004 px (A) x 1338 px (L).	51
Fig. 38 – Alexandra Grelha, 2024, “Proteção às dunas”, fotografia, 1004 px (A) x 1338 px (L).	51
Fig. 39 – Alexandra Grelha, 2024, “Preparativos”, fotografia, 1080 px (A) x 1030 px (L).	53
Fig. 40 – Alexandra Grelha, 2024, Entrada para o baile, fotografia, 1080 x 1030 px.	53
Fig. 41 – Culatra2030.	55
Fig. 42 – Alexandra Grelha, 2023, “projeto da aECO”, fotografia, 1726 px (A) × 1150 px (L).	55
Fig. 43 – Alexandra Grelha, 2024, “Vista aérea da Ilha da Culatra I”, fotograma de vídeo, HD, 1920p, cor, som, 5:06 min.	57
Fig. 44 – Alexandra Grelha, 2024, “Vista aérea da Ilha da Culatra II”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 5:06 min.	57
Fig. 45 – Alexandra Grelha, 2024, “Ançole”, livro de artista, doodle s/papel, 14.8 cm (A) x 21 cm (L).	59
Fig. 46 – Alexandra Grelha, 2024, “Fundo do MarE”, livro de artista, doodle s/papel, 14.8 cm (A) x 21 cm (L).	59
Fig. 47 – Alexandra Grelha, 2024, “Pormenor do painel Cavalo Marinho”, oficina de azulejo no Museu Nacional do Azulejo-AMagazine, 14 cm (L) x 14 cm (L).	60

Fig. 48 – Alexandra Grelha, 2023, “D. Lena e Sr. Rui”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	62
Fig. 49 – Alexandra Grelha, 2023, “Cecília”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	62
Fig. 50 – Alexandra Grelha, 2023, “Patricia Grelha”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	63
Fig. 51 – Alexandra Grelha, 2023, “Recolha de material”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	64
Fig. 52 – Alexandra Grelha, 2023, “Recolha de material II”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	64
Fig. 53 – Alexandra Grelha, 2023, “Recolha de material III”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.	65
Figs. 54-55 – Alexandra Grelha, 2023, “União”, assemblagem com MDF, redes, cordas, plásticos, bota, entre outros objetos, 50 cm (A) x 5 (P) x 52 cm (Ø) / 46 cm (A) x 3 cm (P) x 38 cm (Ø).	66
Fig. 56 – Alexandra Grelha, 2023, “Ancorado”, assemblagem com MDF, redes, cordas, plásticos, entre outros objetos, 2023, 75 cm (A) x 13 cm (P) x 75 cm (Ø).	67
Fig. 57 – Alexandra Grelha, 2024, “Protetora”, assemblagem com madeira, cordas, boias, espuma entre outros objetos, 95 cm (A) x 22 cm (P) x 92 cm (Ø).	67
Fig. 58 – Alexandra Grelha, 2023, Pormenor da peça “União”, assemblagem em MDF, boias, rede, anzóis, caneta branca, spray preto, entre outros objetos.	68
Fig. 59 – Alexandra Grelha, 2023, “Alcatruz”, vaso de barro com spray preto e caneta branca, 30 cm (A) x 15 cm (Ø).	68
Fig. 60 – Alexandra Grelha, 2023, “Abundância”, assemblagem de alguidar com anzóis, spray preto e caneta branca, 57 cm (A) x 20 cm (P) x 57 cm (Ø).	68
Fig. 61 – Alexandra Grelha, 2023, “Ancorado”, assemblagem com diversos objetos, spray preto e caneta branca, 75 cm (A) x 13 cm (P) x 75 cm (Ø).	69
Figs. 62-63 – Alexandra Grelha, 2023, “União”, assemblagem com base de MDF, diversos materiais, spray preto e caneta branca, 50 cm (A) x 5 cm (P) x 52 (Ø) cm / 46 cm (A) x 3 cm (P) x 38 cm (Ø).	69
Fig. 64 – Alexandra Grelha, 2023, “Abundância”, assemblagem de alguidar com anzóis, spray preto e caneta branca, 57 cm (A) x 20 cm (P) x 57 cm (Ø).	70
Fig. 65 – Alexandra Grelha, 2023, “Alcatruzes”, vasos de barro com spray preto e caneta branca, 30 cm (A) x 15 cm (Ø)	70
Fig. 66 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Fundação Eugénio de Almeida em Évora, 2023.	71

Fig.67 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, 2023.	71
Fig. 68 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Galeria Arte Graça em Lisboa, 2024.....	72
Fig. 69 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, IPDJ, Faro, 2024.....	72
Fig. 70 – Alexandra Grelha, 2023, “Ancorado”, assemblagem com diversos objetos, spray preto e caneta branca, 75 cm (A) x 13 cm (P) x 75 cm (Ø).	73
Fig. 71 – Alexandra Grelha, 2023, “Abundância”, assemblagem de alguidar com anzóis, spray preto e caneta branca, 57 cm (A) x 20 cm (P) x 57 cm (Ø).....	74
Figs. 72-73 – Alexandra Grelha, 2023, “União”, assemblagem com base de MDF, diversos materiais, spray preto e caneta branca, 50 cm (A) x 5 cm (P) x Ø52 cm / 46 cm (A) x 3 cm (P) x 38 cm (Ø).	75
Figs. 74-75 – Alexandra Grelha, 2023, “Alcatruzes”, vasos de barro com spray preto e caneta branca, 30 cm (A) x 15 cm (Ø).	76
Fig. 76 – Alexandra Grelha, 2024, “Sustento”, Cadeira de madeira com spray preto e caneta branca, 73 cm (A) x 42 cm (L) x 35 cm (P).	77
Fig.77 – Alexandra Grelha, 2024, “Protetora”, assemblagem com madeira, cordas, boias, espuma, entre outros objetos, 95 cm (A) x 22 cm (P) x 92 (Ø) cm.	78
Figs. 78, 79 e 80 – Alexandra Grelha, '2023, 'Eu', ilustração digital do livro “Mar de Gerações”, pág. 62, pág. 58 e págs. 56-57, respetivamente.	90
Figs. 81-83 – Alexandra Grelha, 2023, “Av”ô, ilustrações digitais do livro “Mar de Gerações”, “Cavalo Marinho”, “Nossa Senhora dos Navegantes” e “Salinas”, pág. 50, págs. 20, págs. 80-81, respetivamente.....	91
Figs. 84-86 – Alexandra Grelha, 2023, Imagens da exposição de trabalhos no âmbito da avaliação do 1º ano curricular do curso de mestrado, Colégio dos Leões, UÉ.	92
Figs. 87-89 – Alexandra Grelha, 2023, “Barcos”, “Zona de Pescadores”, “Pormenor das Boias”, fotografia a p/b, dimensões variadas.....	93
Figs. 90-92 – Alexandra Grelha, 2023, “Pormenores de objetos”, “Gaivota”, “Banco de praia”, fotografia digital a p/b, dimensões variadas.	94
Figs. 93-95 – Alexandra Grelha, 2023, “Gaivota”, “Pescador I”, “Pescador II”, fotografia digital a p/b, dimensões variadas.....	95
Figs. 96-98 – Alexandra Grelha, 2023, “Barco da carreira”, “Material na Zona de Trabalho”, “Barcos II”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.	96
Figs. 99-101 – Alexandra Grelha, 2024, “Destroços de um barco”, “Barco e Materiais”, “Material II”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.....	97

Figs. 102-104 – Alexandra Grelha, 2024, “Zona de trabalho dos pescadores”, “Barco Tradicional”, “Apanha do Material”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.	98
Figs. 105-107 – Alexandra Grelha, 2024, “Âncora”, “Redes”, “Material III”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.	99
Figs. 108-109 – Alexandra Grelha, 2024, “Pescador III”, “Lixo”, “Barco de Festejo”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.	100
Fig. 110 – Alexandra Grelha, 2024, “Mar de Gerações - Ilha da Culatra”, vídeo HD,.....	101
https://www.youtube.com/watch?v=6wS6wl--6Ck	101
Fig. 111 – Alexandra Grelha, 2024, “Culatra - Nossa Senhora dos Navegantes”, vídeo HD, https://www.youtube.com/watch?v=ENk6-5vRJ3g	101
Figs. 112-115 – Alexandra Grelha, 2024, Oficina de criação de azulejos, Museu Nacional do Azulejo.	111
Figs. 116-118 – Alexandra Grelha, 2024, Montagem da peça “Cavalo Marinho”, azulejos pintados a preto, dimensões variadas, Museu Nacional do Azulejo.	112

INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Trabalho de Projeto é uma investigação artística (“art-based research”) que tem como questão central compreender como o património cultural, material e imaterial, das memórias individuais e coletivas, pode ser recriado e disseminado por meio de práticas artísticas como a assemblagem e os doodles¹.

No respeitante à técnica artística da assemblagem, uma das técnicas à qual recorro na minha prática artística, destaco como referência principal a artista pioneira Louise Nevelson (EUA, 1899-1988), escultora americana de origem russa, conhecida pela assemblagem de escala monumental, realizadas com caixas de madeira e outros objetos, muitas vezes encontrados no seu quotidiano. Louise Nevelson é uma das grandes vozes do século XX. Pioneira da assemblagem porque transformou uma técnica marginal num meio de grande ambição escultórica, aliando estética, espiritualidade e política de género. A sua obra marca a transição entre a arte moderna e a arte contemporânea e continua profundamente influente.

Na atualidade, salienta-se o trabalho do artista Artur Bordalo (Portugal, 1987), mais conhecido por Bordalo II, que reutiliza lixo urbano, como objetos abandonados e resíduos, para criar esculturas inspiradas com frequência em animais, que nos lembram da crise climática originada pelos seres humanos. Deste modo, Bordalo II denuncia uma sociedade consumista neoliberal e promove a sustentabilidade, consciência ecológica e social. No que se refere à arte dos doodles, o artista Mr. doodle (Reino Unido, 1994) foi fundamental para a minha pesquisa. O livro “Culatra: uma ilha com gente dentro”, 2020, da jornalista cultural Ana Cristina Leonardo, é um importante estudo sobre a comunidade culatense que serviu de base para o meu relatório.

Quando me foi dada a oportunidade de escolher de forma livre um tema para o meu trabalho final de mestrado, surgiu-me logo em pensamento a Ria Formosa, e a ilha da Culatra em particular, pela sua beleza e características específicas, onde passei a maioria do tempo da minha infância e da minha adolescência e, também, por ser descendente de pescadores e de pessoas ligadas ao mar. Por conseguinte, muitos

¹ Por motivos de simplificação da leitura, dada a sua utilização constante ao longo do texto, optou-se por não colocar entre aspas a palavra de origem estrangeira “doodles”.

dos meus trabalhos, como, por exemplo, os meus livros de doodles, de linhas e formas espontâneas, fluidas e expressivas, e peças de assemblagem, são inspirados pelo mar e pela minha história de vida e da população da Ilha da Culatra, uma ilha barreira da Ria Formosa, que constitui uma separação entre a laguna e o oceano Atlântico.

Dei por mim recordando as minhas memórias individuais e as coletivas, inspiradas pela história da população da Ilha da Culatra, e todas estas vivências e a forte união da comunidade culatense serviram de inspiração para a minha investigação artística. Foi neste contexto que, ao longo dos contatos, vivências e entrevistas, fui sendo familiarizada com as mais diversas estratégias identitárias para (re)afirmação de uma ligação histórica ao território que hoje os culatenses ocupam e cujas primeiras ocupações remontam ao final do século XIX.

Para dar resposta a esta questão da minha investigação artística, tive como objetivo geral: Conhecer e analisar obras de artistas que utilizam a assemblagem e os doodles; Entrevistar pessoas da comunidade culatense para melhor conhecer a história da ilha e das suas gentes; Representar através da arte as minhas vivências pessoais e coletivas da comunidade culatense, e; Explorar as capacidades expressivas artísticas da assemblagem e doodles, recorrendo, sobretudo, a materiais que me foram oferecidos pelos habitantes da ilha da Culatra, ou recolhidos por mim.

Ao longo da minha pesquisa, a técnica artística da assemblagem é utilizada de forma a aproveitar os resíduos provenientes da pesca, dos pescadores, dos mariscadores e do mar, empregando esses resíduos e transformando-os em peças de arte. Esta técnica é complementada pela técnica dos doodles, e por meio de ambas expreso em formas abstratas, e outras mais realistas, diversos sentimentos. Para a realização desta pesquisa recorri à historiografia crítica pertinente ao tema com leituras de teses, artigos, livros, sendo estes referenciados posteriormente nas referências bibliográficas.

O presente relatório divide-se em três capítulos, sendo o primeiro dedicado ao estado da arte das técnicas artísticas da assemblagem e dos doodles, o segundo à Ilha da Culatra, e o terceiro à minha prática artística.

CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE: DA ASSEMBLAGEM AO DOODLING

1.1. Reunir, recombinar e recriar objetos por meio da assemblagem

Com a diminuição do interesse de alguns artistas pela criação de esculturas tradicionais, alguns criadores aderiram à escultura moderna em finais do séc. XIX, e já estava bem estabelecida no início do século XX, com figuras como Rodin, Brancusi, Giacometti, Moore, entre outros. Com esta mudança de padrões de representatividade, as características das criações passaram por diversas transformações de estilos artísticos. A partir de meados do século XIX, com os avanços tecnológicos e científicos que conduziram à industrialização e ao surgimento do urbanismo moderno, a arte começou a afastar-se dos modelos clássicos e académicos. Esta transformação intensificou-se no início do século XX, quando muitos artistas passaram a explorar novas formas e materiais, dando origem à escultura moderna. Abandonando os cânones tradicionais da figuração, estes criadores procuraram linguagens mais abstratas, experimentais e conceptuais, acompanhando as profundas mudanças culturais e sociais do seu tempo.

Dentro das práticas associadas à arte contemporânea, destaca-se a assemblagem. O termo deriva do francês *assembler*, que significa reunir ou juntar. Embora a prática de utilizar objectos do quotidiano na criação artística remonte ao início do século XX — com os primeiros *ready-mades* de Marcel Duchamp ou as colagens cubistas de Picasso — foi o artista francês Jean Dubuffet quem, na década de 1950, começou a usar o termo *assemblage* para descrever esse procedimento. A exposição "The Art of Assemblage", organizada por William Seitz no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em 1961, consolidou o conceito ao apresentar obras que transcendiam as categorias tradicionais da escultura e da pintura. Como refere Catherine Millet (1997, p.15), a arte contemporânea — entendida como uma ruptura com as convenções modernas — pode ser situada entre as décadas de 1960 e 1970, período marcado por fortes transformações estéticas e conceptuais que impactaram profundamente o acto criativo. Em 1953, o termo *assemblagem* foi atribuído pelo artista francês Jean Dubuffet (França, 1901-1985), ao procedimento artístico, ligado ao movimento Dada que se desenvolveu na Europa no início do século XX, mais

precisamente na Alemanha em 1916, após deflagrar a Primeira Grande Guerra (1914-1918). Jean Dubuffet, incorporou uma nova linguagem na exposição “THE ART OF assemblage”, no Museu de Arte Moderna – Nova Iorque, em 1961, onde explica que os trabalhos vão além das simples colagens e que algumas das obras fugiam às categorias tradicionais pré-definidas como pintura e escultura (MoMA, 2021). É muito interessante o modo como Jean Dubuffet construiu a forma do rosto humano com borboletas na obra “Portrait d’homme”, 1957, onde utilizou o método de assemblagem, usufruindo do desenho natural desses insetos para definir o formato do rosto, olhos, nariz, boca e cabelo (Fig. 1).



Fig.1 – Jean Dubuffet, 1957, “Portrait d’homme”, asas de borboleta, tinta e guache s/papel, 24 cm (L) x 16 cm (A).

Neste período, a arte alcançou expressividade por meio de diferentes linguagens artísticas e o conceito de obra de arte ou criação artística expandiu-se (Bandeira & Monsell, 2018). Desde meados do século XX, este tipo de arte já vinha sendo produzida por artistas como os cubistas Pablo Picasso (Espanha, 1881-1973) e Georges Braque (França, 1882-1963) e nas esculturas dos futuristas e dadaístas.

O princípio que preside a construção de assemblagens é designado de “estética de acumulação”, ou seja, todos e quaisquer materiais podem ser incorporados em uma obra de arte, criando um conjunto sem que essa perca o seu sentido original, ao mesmo tempo, que se procura romper com as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana. Estes elementos aglomerados relacionam-se, não perdendo

a sua essência como unidade, estimulando o espectador a observar a obra como um todo. Nestas combinações, as texturas, as cores e o potencial de cada um desses elementos, que foram utilizados como pinceladas, são harmonizados em uma composição final, complexa e dinâmica. Esta, tal como uma pintura, possui áreas de cores e texturas definidas por meio de objetos tridimensionais, sendo com frequência identificada como uma escultura. Bandeira & Monsell (2018, p.2), referem que a assemblagem se baseia em uma linguagem fluida e sem limites precisos, afastando-se da pintura e da escultura tradicionais e promovendo a ampliação das fronteiras entre as diversas áreas da arte plástica. Em algumas obras, os artistas utilizam materiais do dia-a-dia como: madeira, jornais, tecidos, desperdícios industriais, entre outros, que combinam através de colagens e montagens. A articulação de materiais diferentes presentes nestas obras chega, por vezes, a causar admiração no espectador, pelo tipo de material que é usado na sua produção. Louise Bourgeois (França, 1911-2010), explorou a justaposição de materiais diversos para criar esculturas e instalações carregadas de simbolismo, memória e emoção. Ela via a arte como meio de processar experiências pessoais, especialmente traumas da infância, e a sua abordagem à assemblagem era intuitiva e psicológica. Um exemplo disso são as suas instalações “Cells” (1989), nas quais elementos diferentes são reunidos em espaços fechados evocando memórias e sensações intensas (Fig. 2).



Fig. 2 – Louise Bourgeois, 2001, “Cell XXV (The View of the World of the Jealous Wife)”, aço, madeira, mármore, vidro e tecido, 254 cm (L) x 304,8 cm (A) x 304,8 cm (P).

Em muitas das suas obras combinava tecidos, madeira, metal, e objetos encontrados, criando composições que evocavam o corpo, a casa e a maternidade, afirmando que a materialidade e a forma das suas esculturas eram fundamentais para expressar sentimentos, o que se alinha ao princípio da assemblagem de dar um novo significado a objetos ao combiná-los.

Na atualidade, a assemblagem é vista e realizada de forma mais livre e ampla, ao contrário do que acontecia no século passado, onde esta técnica era usada sobretudo pelos artistas que aproveitavam a liberdade de expressão no contexto da sua realidade, causando um grande impacto visual (Carvalho, 2013). Existem muitas técnicas artísticas contemporâneas, mas selecionou-se a assemblagem para que pudéssemos construir algo novo com materiais que são considerados por muitos como sendo “lixo”. No presente, o lixo deixou de ser um resíduo descartável, e transformou-se em matéria facultativa para muitas coisas, inclusive para a elaboração de obras de arte. Como refere a Bandeira & Monsell “(...) utilizamos estes materiais reaproveitáveis, que são denominados como “lixo”, como matéria-prima das nossas obras, a fim de quebrar o paradigma de elitização da arte” (2018, p. 2). Nasce uma nova arte, em que o espectador, é um elemento crucial para que esta seja desvendada e entendida, tornando-se parte desta.

1.2. As assemblagens escultóricas desafiadoras da artista pioneira Louise Nevelson

Louise Nevelson (Ucrânia, 1899 – Nova Iorque, 1988) foi uma escultora conhecida pelas suas assemblagens monumentais, tridimensionais e monocromáticas, realizadas com caixas de madeira. Trabalhou com os mais diversos materiais, desde alumínio ao bronze passando pelo plexiglas, cartão, e partes de móveis como, por exemplo, cadeiras, por meio de uma grande expressividade plástica. Nasceu na Ucrânia e emigrou para os Estados Unidos da América com a sua família ainda criança, tendo estudado arte em Nova Iorque e em escolas na Europa.

Nas suas assemblagens, utilizava pedaços de madeira descartados, partes de móveis e outros objetos que quando combinados formam composições tridimensionais complexas. As suas obras eram pintadas, muitas vezes, recorrendo a

uma cor única, em geral preto, branco ou dourado. Essa monocromia unificava os diferentes elementos da peça e criava um efeito visual coeso e dramático (Figs. 3-4).



Fig. 3 – Louise Nevelson, 1974, “Sky Jag IV”, 124.5 cm (L) x 130.8 cm (A) x 24.1 cm (P).

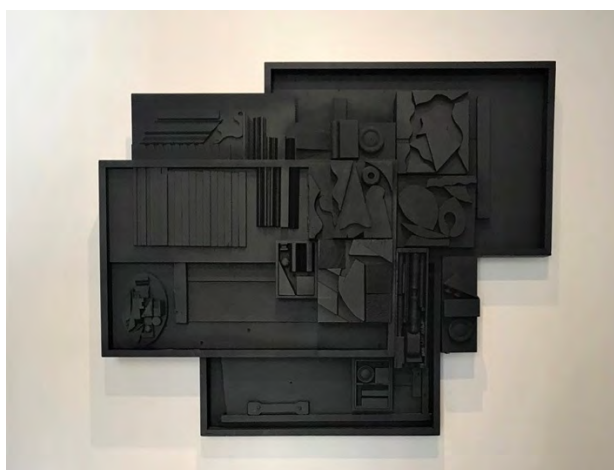


Fig. 4 – Louise Nevelson, 1980, “Sky Wall”, 106,7 x 132,1 x 20,3 cm.

Muitas das esculturas são de grande escala, algumas preenchendo paredes inteiras e ocupando espaços públicos amplos. As suas obras monumentais criam uma sensação de imersão. A artista foi influenciada pelo cubismo, surrealismo e pela arte africana. Nevelson, também se destacou por criar obras com forte presença física, desafiando as convenções de género em uma época em que a escultura era dominada

por homens. As suas obras possuem uma grande riqueza de texturas e profundidade, onde é explorada a relação entre forma e espaço, empregando a luz e a sombra para criar efeitos visuais dinâmicos. Os vazios e as aberturas nas suas esculturas permitem que a luz passe, projetando sombras e adicionando uma dimensão extra à obra. Muitas das suas peças exibem uma repetição de formas e padrões, criando um ritmo visual que guia o olhar do espectador. As formas abstratas e geométricas das suas esculturas muitas vezes evocam imagens e símbolos culturais diversos, incluindo elementos da arte africana, pré-colombiana e surrealista (Tate Gallery, 2025).

Embora tenha enfrentado diversos desafios no início de sua carreira, tais como, o preconceito por ser mulher em um ambiente dominado por homens e dificuldades financeiras, Nevelson alcançou reconhecimento significativo nas décadas de 1950 e 1960, tendo realizado exposições individuais em museus e galerias importantes como MoMa - Museum of Modern Art (Nova Iorque), Whitney Museum Of American Art (Nova Iorque), Tate Modern (Londres), The Guggenheim Museum (Nova Iorque) e Smithsonian American Art Museum (Washington). A artista deixou um impacto duradouro no mundo da arte, em particular no modo como a escultura é percebida e praticada. A sua abordagem inovadora e a sua dedicação à arte, colocam-na entre os artistas mais importantes do século XX. No final da década de 1950, começou a produzir “Sculptural Walls” (literalmente “paredes esculturais”), como a obra “Sky Cathedral” (1958) (Fig. 5) e “Obscuridad Total” (1962). Estas obras são compostas por grandes faixas de caixas de madeira que contém nos seus interiores uma grande variedade de objetos também de madeira (Equipe Editorial, 2024).



Fig.5 – Louise Nevelson, 1958, “Sky Cathedral”, 343.9 cm (L) x 305.4 cm (A) x 45.7 cm (P).

O seu tipo de trabalho, que integra com frequência objetos encontrados no seu dia-a-dia, foi denominado de assemblagem, ou montagem. O trabalho da artista é altamente reconhecível pela sua cor e estilo monocromáticos consistentes, em madeira ou metal, muitas vezes de cor preta, embora também trabalhe com brancos e dourados, não pelo seu tom sombrio, mas para evidenciar harmonia e eternidade.

As principais obras de sua carreira foram expostas em galerias, tomando a forma de instalações compostas por diversas esculturas que funcionavam como um todo, agrupadas sobre um único título. Destacam-se: “The Royal Voyage” (Nova Iorque, 1956), “Moon Garden + One” (Nova Iorque, 1958), e “Sky Columns Presence” (Nova Iorque, 1959). Embora essas obras não existam mais como um todo, a sua construção original auxilia na compreensão do processo e do significado da obra da artista. Nevelson, é hoje recordada não somente pelas suas obras de escala e qualidade estética impressionantes, mas também pela sua personalidade forte e importante papel de pioneira feminina na escultura moderna do século XX.

1.3. A mensagem ambiental da arte do desperdício de Bordalo II

Bordalo II, nome artístico de Artur Bordalo (Lisboa, 1987), é um artista plástico português que é neto do pintor Artur Real Bordalo (1925-2017), autor de óleos e aquarelas representando paisagens urbanas de Lisboa. O avô pintou a cidade de um modo suave, tal como a observava, e o mundo onde a humanidade se movimentava. O neto, por seu lado, quer libertá-la de si mesmo, expressando-a de forma brutal. Escolheu o nome artístico como homenagem às raízes plásticas e menciona o avô como a sua principal referência (Bordalo Team, 2019).

Tal como o avô, estudou pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde também frequentou aulas de mosaico, cerâmica e vidro, que lhe permitiram testar novas técnicas e criar imagens, fruto da combinação entre estas diferentes técnicas e os materiais. Foi precisamente nesta mistura de técnicas artísticas que descobriu o seu caminho.

Andreia Filipa Ferreira (2018) refere que “Bordalo II, é um ativista que dá nova vida ao desperdício”, intitula-se “ativista” e espanta os olhares nacionais e internacionais com a sua arte feita de lixo, que a sociedade tende a ignorar.

É conhecido pelas suas obras onde utiliza o lixo e resíduos como uma mensagem direta de que é preciso mudar o mundo, sendo nas suas obras a natureza e os animais veículo de uma arte de grande escala e de caráter espetacular. A sua arte tem uma forte componente ecológica e uma mensagem ambiental que critica a sociedade de consumo e a poluição, as quais ameaçam a vida selvagem e o meio ambiente.

Fez a primeira exposição individual em 2011, intitulada “Tornar o Banal Original”, na Montana Shop & Gallery, no Cais do Sodré. Em 2012, realizou projetos em duas fábricas que estavam fechadas em Cabo Ruivo, nestas construindo os seus primeiros animais. Através das redes sociais alcançou a dimensão internacional que tem hoje. Segundo o artista, “Fiz uma série de obras em lugares abandonados, fotografava e mandava essas imagens para plataformas de divulgação especializadas em artes urbanas” (Horta, 2019). O artista usa com frequência materiais descartados como plásticos, metais e outros detritos de grandes dimensões, para criar as suas esculturas, e não só transforma o lixo em arte, como também chama a atenção para os problemas do desperdício e da poluição. Só utiliza o lixo como material de composição dos seus trabalhos.

No respeitante à sua temática, os seus trabalhos retratam animais, muitos dos quais estão ameaçados de extinção devido a atividade humana, e as esculturas são coloridas e detalhadas, transmitindo uma sensação de urgência e a necessidade de mudança. As suas obras podem ser encontradas em várias partes do mundo, incluindo muros de prédios, parques e espaços públicos. São grandes e ocupam uma área significativa tornando-se pontos focais na paisagem urbana.

Bordalo II ganhou reconhecimento global e a sua obra tem sido exibida em galerias e exposições em vários países, sendo celebrado tanto pelo seu talento artístico, quanto pela sua capacidade de promover a conscientização ambiental através da arte. Sendo neto do pintor realista Artur Bordalo, esse fato importante influenciou a sua trajetória artística. O seu estilo é uma combinação de “street art”, escultura e de arte com preocupações sociais, nomeadamente, ecológicas.

A natureza do lixo é voltar ao seu estado original, após ter-se transformado em arte, e por esse motivo não o incomoda porque é um trabalho orgânico. O artista dá vida aos resíduos, com a finalidade de alertar sobre este problema. O seu primeiro tópico de reflexão é precisamente o desperdício. Os resíduos que a espécie humana

dispensa a uma velocidade alarmante e que destroem ecossistemas e aceleram a inviabilidade da vida na Terra. Desde que começou a trabalhar com estes materiais, em 2012, já gastou 28 toneladas de resíduos.

Para além de recolher lixo em ferros-velhos e lixeiras, também tem contactos com autarquias para que lhe entreguem materiais destinados aos aterros. O primeiro animal que criou a partir de lixo foi “O Caranguejo”, 2013, Açores, (Fig. 6), e Bordalo II tinha então 26 anos. Para ele, na rua, as coisas têm de ser grandes, pois nós próprios somos tão pequenos que, caso contrário, ninguém nos vê nem ouve.

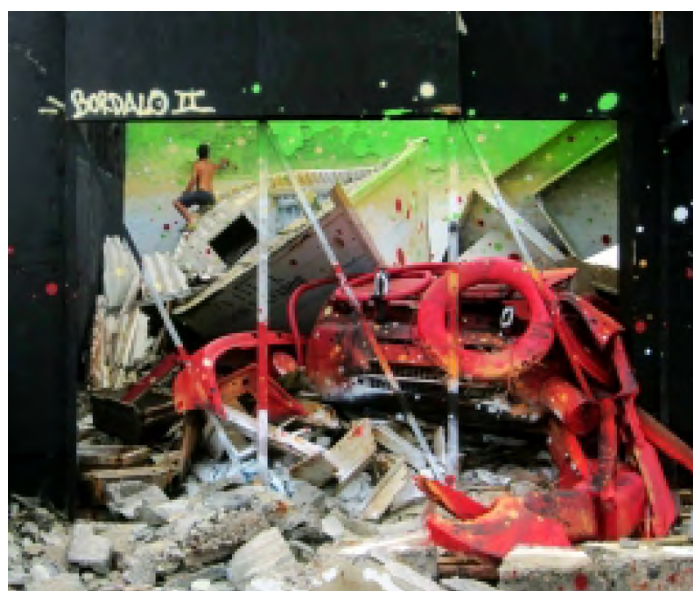


Fig.6 – Bordalo II, 2013, ‘O Caranguejo’, Açores, assemblagem, s.d.

Bordalo II tem a preocupação de ser fiel à fisionomia das espécies que reproduz. A diferença está nas texturas e nos relevos que cria com todo o desperdício que existe nas cidades, como a chapa, plástico, bidões e contentores são moldados e encaixados uns nos outros até se tornarem na pele do animal, levando, depois, tinta por cima.

Cada peça pode demorar de dois dias a uma semana. Com o seu trabalho, a ideia passa por representar uma imagem da natureza, neste caso os animais, construída com aquilo que os destrói, o lixo, a poluição, o desperdício e a contaminação. Os animais são a forma direta de retratar a Natureza, pois têm expressões, movimentos, sentimentos e agem de uma forma que nos pode

sensibilizar. Assim, são o melhor meio para pintar e modelar, quando se pretende abordar questões ambientais.

Para Bordalo II é importante tocar em pontos sensíveis e relevantes, fazer parte da consciencialização e, desta forma, fazer parte da mudança do mundo para algo melhor (Ferreira, 2018). A temática da zoologia é veículo de uma mensagem sobre a destruição do planeta, e os animais substituem as pessoas. São ratos no lugar de homens, para nos fazer pensar qual é a verdadeira praga.

A peça preferida do artista intitula-se “Our Gift to Mother Nature”, Lisboa, Portugal, 2013 (Fig. 7). Não é um animal, mas foi feita com um contentor de lixo e todos os detritos que estavam à volta, pela altura do Natal.



Fig. 7 – Bordalo II, 2013, “Our Gift to Mother Nature”, Lisboa, assemblagem, s.d.

Outra peça que foi desafiante, a “Pelican”, 2016, (Figs. 8-9) foi montada num barco abandonado ao largo de Aruba, pequena ilha do Caribe holandês, ao largo da costa da Venezuela, um país autónomo do Reino dos Países Baixos (Ferreira, 2018).



Figs. 8-9 – Bordalo II, 2016, “Pelican”, Aruba, assemblagem, s.d.

Foi em 2015 que o artista ganhou maior destaque. Um blogue de arte intitulado “Colossal”, e depois os websites “Bored Panda” e “High Fructose”, associaram milhões de visualizações no respeitante ao que o artista estava a criar. Como o próprio diz: “E, a partir daí, foi uma avalanche” (Rodrigues, 2017, par. 28). A maior parte do trabalho de Bordalo II acontece em festivais de arte urbana, instalações edificadas por encomenda. O primeiro de todos, foi nos Açores, o “Walk and Talk”, e a partir de 2015 começou a ser convocado para os maiores eventos do mundo – como o “NuArt” da Noruega ou o “Life is Beautiful” em Las Vegas. Teve múltiplas encomendas vindas de países como a Polónia e Itália, e um ano depois os seus animais foram levantados em paredes de lugares como a Cidade do México, Taiti, Miami e Aruba.

Instalou uma assemblagem de um coelho em junho em Vila Nova de Gaia, para a primeira edição do festival “Gaia Todo Um Mundo”. Intitula-se de “Half Rabbitt”, 2017, (Figs. 10-11), porque metade é coberta com tinta e a outra mostra os materiais

originais, sem qualquer cobertura. É uma das suas oitenta e oito peças que foram expostas nas ruas do mundo. O artista deu vida aos detritos com o objetivo de chamar a atenção sobre estes.



Figs.10-11 – Bordalo II, 2017, “Half Rabbitt”, Vila Nova de Gaia, assemblagem, s.d.

Foi através de fotografias dos seus trabalhos que divulgou pelas redes sociais, que adquiriu a extensão internacional que tem atualmente. De acordo com o artista: “Fiz uma série de obras em lugares abandonados, fotografava e mandava essas imagens para plataformas de divulgação especializadas em arte urbana” (Rodrigues, 2017, par. 27). O artista refere também que: “Em média, cada uma das minhas obras tem dois a três anos de existência. Só vinte por cento do que faço está em solo português. O meu trabalho chamou primeiro a atenção lá fora, só depois começou a falar-se dele aqui” (Rodrigues, 2017, par. 31).

O artista deu vida aos resíduos com o propósito de alertar para o excesso de lixo. O artista refere: “Há uma escultura de uma abelha que fiz para a LX Factory que está agora a ser tapada por ervas. As trepadeiras estão a invadir o lixo, a apoderar-se dele. Acho isso maravilhoso” (Rodrigues, 2017, par. 33).

Os “Big Trash Animals” são os trabalhos mais reconhecidos de Bordalo II, pois acarretam uma mensagem poderosa, pelo material usado, pela categoria e pela utilização do espaço público como uma casa ou “habitat”. É uma sucessão de obras que atrai a atenção para um problema grave, presente nos dias de hoje, que fica

esquecido e vulgarizado – a produção de lixo, o desperdício, a poluição e os seus efeitos no nosso planeta. A ideia principal é recorrer à própria natureza, nomeadamente, aos animais, e reproduzi-los com o material que os estão a exterminar. No dia 9 de Abril de 2021, na Universidade do Algarve (UAlg), (Fig. 12) foi inaugurada a peça “Cavalo Marinho” incluída na série “Neutral”, onde Bordalo II utiliza materiais descartados numa base de madeira reaproveitada, à assemblagem dos materiais foram acrescentadas camadas de tinta, pinceladas, escorrimento e salpicos de tinta, até alcançar a expressão do animal. Também foi inaugurado o “Cavalo Marinho” da Câmara Municipal de Faro (CMF), construído no depósito de água do Parque de Campismo na Praia de Faro (Fig. 13).

Nestas peças, o artista procura chamar a atenção da comunidade para a poluição que atinge a região e para o risco de extinção dos animais (UAlg, 2021). Estas duas peças resultam de uma parceria entre a CMF e a Universidade do Algarve, onde se pretende sensibilizar para a importância de preservar uma espécie marinha cujo habitat está muito ameaçado. Com a execução destas esculturas gigantes, criadas com lixo, o artista procura a consciencialização de todos sobre o carácter destrutivo dos nossos hábitos de consumo. Estes animais gigantes são produzidos com materiais em fim de vida, descobertos em terrenos baldios, fábricas abandonadas ou obtidos diretamente a empresas que terão de se desfazer deles, para uma possível reciclagem.

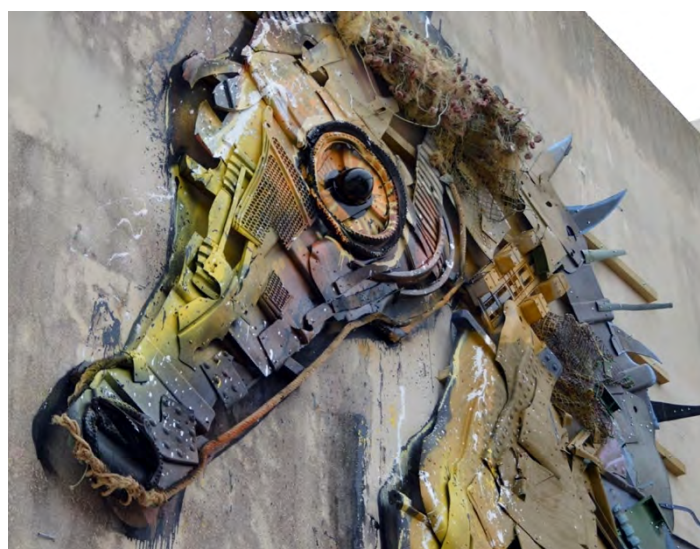


Fig. 12 – Bordalo II, 2021, “Cavalo Marinho”, UAlg, s.d.



Fig.13 – Bordalo II, 2021, “Cavalo Marinho”, Praia de Faro, 2021.

Quando observamos algumas das suas obras mais atentamente, conseguimos detectar as consequências das nossas rotinas e temos de nos consciencializar, em mudar ecológica e socialmente as nossas práticas. Ficamos comovidos, começando a interrogar-nos sobre as nossas práticas, ações e rotinas, que subsequentemente podem gerar uma mudança de comportamentos. Em suma, os valores morais estão a modificar-se, e a arte, com frequência, incentiva-nos à tomada de decisões, e à ação, para a construção de um mundo mais justo e saudável.

1.4. Da garatuja à expressão artística

A humanidade sempre utilizou símbolos para expressar as suas ideias. Essa necessidade de demonstrar significados e informações, desencadeou uma procura para o desenvolvimento de elementos gráficos e visuais que transmitissem a mensagem de maneira rápida e eficiente.

Com o desenvolvimento do comércio, o avanço tecnológico e de crescente concorrência, as instituições começaram a investir no design desses símbolos, procurando uma identidade única para facilitar a identificação dos seus consumidores.

Ao desenvolverem uma identidade visual singular, conseguem transmitir emoções e desencadear memórias de momentos únicos, cativando o consumidor e levando-o a adquirir o produto. Desse modo, é criada uma relação afetiva e duradoura com o consumidor, incentivando-o a desenvolver uma ligação sentimental com uma determinada marca.

A prática artística do “doodle”, palavra de origem inglesa que significa um desenho rudimentar ou rabiscos feitos de forma distraída, é com frequência subestimada enquanto forma de arte. É uma forma divertida de expressão pessoal, mas, também, é uma forma de experimentar e aprender a desenhar (Vilanova, 2015). Os rabiscos fornecem uma visão única do estilo artístico de cada pessoa, transmitindo partes da sua personalidade que não são reveladas por outros meios de arte.

No contexto das artes visuais, o doodle transcende seu papel de simples rabisco para se tornar uma forma legítima de expressão artística, referindo-se a um desenho simples e espontâneo, com frequência criado enquanto uma pessoa está distraída a rabiscar. No presente, os doodles são cada vez mais integrados e valorizados no contexto das artes visuais, pelo seu cunho artístico, e muitos artistas utilizam os doodles como estilo distintivo. Eles incorporam, linhas, círculos e formas espontâneas nos seus trabalhos, de um modo impulsivo, criando composições complexas. As repetições de formas criam uma sensação de ritmo e coesão dentro da obra dando origem a uma estética cativante.

Enquanto muitos doodles são monocromáticos, utilizando apenas o branco e o preto, é comum também encontrar doodles coloridos. A cor é utilizada de maneira vibrante e expressiva dando uma dimensão extra ao desenho. Os doodles podem ser aplicados em papel, paredes, móveis, roupa, objetos do dia-a-dia, tornando-se uma forma de arte adaptável e multifacetada, e são com frequência incorporados no campo do design e da arte contemporânea, incluindo colaborações com marcas, instalações de arte e murais.

Ao longo dos anos os doodles evoluíram de simples rabiscos para uma forma de arte complexa e respeitada no foro artístico e do design. As pessoas, em sua maioria, já tiveram alguma experiência ligada aos doodles. Muitas vezes rabisca-se em “vão”, enquanto se pensa sobre uma série de coisas (Fig. 14). Seja na mesa do restaurante, ou consultório médico, a pessoa ao possuir uma folha de papel em branco e uma caneta ou lápis, é instigada inconscientemente a rabiscar.



Fig.14 – Alexandra Grelha, 2025, “Doodles elaborados por mim, pelo meu avô, e amigos”, dimensões variadas.

Em geral, como o ato de rabiscar e fazer marcas em um papel, não faz parte do aprendizado escolar, fazer doodles é visto como supérfluo, sem sentido e incorreto. A sociedade só valoriza a escrita e os rabiscos continuam sendo jogados fora, no lixo, sem dar a importância devida aos seus conteúdos. A nossa cultura é intensamente focada na linguagem verbal, não valorizando os doodles e os seus benefícios no respeitante ao nosso bem-estar e saúde mental.

O doodle ao longo do tempo foi adquirindo mais significados, mas quase sempre foram associados a algo prejudicial. No séc. XVII, a palavra “doodle” era sinónimo de ignorante ou tolo; no século XVIII, “to doodle”, no contexto anglo-saxónico, significava o ato de ridicularizar alguém. No século XIX, a palavra foi usada como significante de um político corrupto. Além disso, a partir daí, o verbo “to doodle” denotou também ser lento ou preguiçoso; perder tempo, ou vadiar; ou ainda, fazer um

trabalho aleatório ou algo com pouco valor e importância, e até mesmo o não fazer nada (Vilanova, 2015). Embora a palavra doodle tenha muitas definições, não existe nenhuma que seja considerada como oficial. Mas a melhor definição para o verbo “to doodle” é a apresentada pela autora Sunni Brown, em 2011, num evento TED – Tecnologia, Entretenimento, Design, divulgado em linha, que refere que o verbo “to doodle”, significa fazer rabiscos ou marcas espontâneas para ajudar a pensar.

Enquanto se faz doodles e se escuta informação oral, apreende-se 29% a mais das informações, uma vez que o rabiscar ajuda a nossa mente a manter o foco no que se está a ouvir. Pesquisas recentes mostraram que rabiscar pode realmente melhorar a retenção de memória, como também uma espécie de higiene mental para estimular a imaginação (Vilanova, 2015). Os doodles também são formas de comunicação por meio de imagens. Rabello refere que: “Cada criança tem um traçado individual, traz em seus desenhos a sua realidade, traz o seu traçado único e peculiar” (2014, p. 54).

Em geral, os doodles incluem caricaturas de professores ou colegas de escola, pessoas famosas ou personagens de desenhos animados, seres fictícios, paisagens, formas geométricas, vinhetas de banda desenhada com legendas e animações que resultam de uma sequência de cenas em várias páginas de um livro ou caderno. Um doodle deve ser pensado como o fazer de marcas espontâneas, com o corpo e a mente, para auxiliar a pensar. O doodle tem uma função positiva e funcional, neste sentido, o doodle não se restringe ao desenhar, mas estende-se a outras formas de pensar: física, artística e mentalmente. Os doodles mais famosos podem ser encontrados, na atualidade, em grandes empresas como o Google, sendo que, por vezes, o seu logotipo recebe uma nova imagem, que é designada de doodle, e que está sempre relacionada com algum acontecimento ou data importante (Figs. 15-17).



Fig. 15 – Google, 2024, “Portugal National Day”, logótipo.



Fig. 16 – Google, 2022, “Sophia de Mello Breyner Andresen’s 103rd Birthday”, logótipo.



Fig. 17 – Google, 2011, “Fernando Pessoa's 123rd Birthday”, logótipo.

Em geral, quem faz doodles não consegue mais parar de fazê-lo porque torna-se uma prática, ou melhor, um hábito que é permanentemente redescoberto, e passa a ser essencial para a comunicação interna da pessoa com o mundo externo.

Às vezes, uma simples linha sobre o papel, pode por meio da sua intensidade e direção revelar o estado emocional da pessoa que naquele momento a traçar no papel. No livro “Teoria das Cores e das Formas Gráficas” (1977), Wassily Kandinsky (Rússia, 1866 - França, 1944) refere que o universo material de uma composição pictórica emerge de leis abstratas características do pensamento matemático. Essas leis não podem ser analisadas de um modo quantitativo, mas podemos sentir os seus efeitos, e as ressonâncias interiores que instauram em nós. Para Kandinsky, o ponto é a origem, a concisão absoluta, o uno bem definido, o início de todos os outros elementos.

Kandinsky, debruça-se sobre um conceito primitivo, uma noção intuitiva proporcionada pela experiência do dia-a-dia. É o elo entre o interior e o exterior. Para o artista, o ponto geométrico é, antes de tudo, uma expressão do silêncio, que apareceu através da escrita. Foi contra o sentimento de apatia, com frequência,

instaurado em nós pelo dia-a-dia, que Kandinsky formulou a sua arte. O objetivo era construir pontos que vibrassem, influenciando a vida das pessoas. O ponto marca, ainda, um espaço fixo no plano e o cessar do tempo na obra de arte.

Assim como na ciência, Kandinsky advoga que o tempo e o espaço não são separáveis, mas interdependentes, porque necessitam um do outro. A linha nasce do ponto e, ao mesmo tempo, também é a sua maior opositora. As formas lineares derivam de um ponto. O grupo das retas é o primeiro descrito por Kandinsky. Ocorre quando uma força faz o ponto mover-se ao infinito e em apenas uma direção, o que condiciona a reta a ser um elemento unidimensional e a forma mais concisa das infinitas possibilidades de movimento (Kandinsky, 2005, p. 49) (Fig. 18).



Fig. 18 – Kandinsky, 1923, “Composição VIII”, pintura a óleo sobre tela, 140 cm (A) x 201 cm (L).

Também Paul Klee (Suíça, 1879-1940), artista plástico, no séc. XX publicou o livro “O Pensamento Criativo”, 1920, onde consta a sua “Teoria da Forma”. É uma demonstração do pensamento artístico que adota pressupostos formais, previamente estabelecidos para resultar na prática da representação artística. Klee identificou as relações formais entre a música e as artes visuais, apresentando conexões entre a linha melódica e a linha no desenho; o ritmo e as sequências de módulos e submódulos; os tempos dos compassos e as divisões da pintura; a métrica da música e a modulação da forma e da cor nas artes visuais. Também, apresentou as suas experiências com sobreposição de cores e texturas para representar visualmente a polifonia. A sequência de pontos descreve uma linha que é a trajetória de um

movimento. Isto ocorre também na música, quando uma sequência de notas determina uma linha musical.

Klee pretendeu compreender a linha e a possibilidade desta gerar movimento. Ele observou em uma sequência de pontos exatamente o que ocorre também na linha melódica: a sequência de notas determina a trajetória da linha melódica. A obra teórica de Klee é o marco inaugural das artes abstratas do campo geométrico. No entanto, mais do que isto, sua proposta inaugura uma nova vertente para o ato criativo das artes visuais. Em suma, Paul Klee demonstrou a relação existente entre a linguagem da música e da pintura: a representação visual do movimento pela relação estabelecida com a escritura musical, e o sistema adotado revelou pressupostos formais para a representação nas artes visuais. Esta teoria trouxe para as artes visuais as noções de modulação, ritmo e psicodinâmica das cores.

Ao analisar uma sequência de rabiscos de uma pessoa, começa-se a perceber a identidade daquele indivíduo, quais as imagens ou formas que permeiam os seus pensamentos e até mesmo os seus sentimentos. Nota-se em uma sequência de rabiscos uma forte afirmação da sua identidade. Os elementos visuais presentes nos rabiscos são os elementos visuais básicos, também presentes em qualquer outro desenho monocromático. Entre estes, destacam-se: o ponto; a linha; as formas, que ao se combinarem geram os planos e dimensões; a direção; e o valor de claro-escuro, que diz respeito à presença ou ausência de luz que é percebida através da visão.

Donis A. Dondis (1973) no livro “Sintaxe da Linguagem Visual”, sobre o contraste e a harmonia, reflete, também, sobre um conjunto de características extremamente opostas como: instabilidade e equilíbrio; assimetria e simetria; complexidade e simplicidade; exagero e minimização; transparência e opacidade; profundidade e planura; acaso e sequencialidade; periodicidade e repetição. Identificar estas características nos rabiscos pode auxiliar no levantamento daqueles que mais se destacam, para que sejam explorados posteriormente quanto ao seu valor simbólico. Ao inserir as cores obtém-se maior clareza destes aspetos. Além disso, a cor é um elemento visual que acrescenta muita informação aos desenhos, uma vez que as suas propriedades físicas estimulam e são associadas aos sentimentos e emoções da pessoa que as observa.

No caso dos doodles, as cores somam ao invés de subtrair informações sobre as formas, pois estas últimas já estão estruturadas em relação à composição como

um todo. Os doodles podem ser utilizados no campo da Arteterapia, seja como imagem-matriz ou simplesmente como um ordenador de imagens sucessivas do inconsciente. Eles aumentam a produção e identificação de símbolos, que ao serem amplificados, auxiliam e contribuem para o processo arte-terapêutico. Por estarem ligados à criatividade, os doodles podem revelar facetas da psique de quem os faz, e também por esta razão é que se experimentou o uso dessa ferramenta em processos de arte terapêuticos. Definir o que é arteterapia não é simples, pois os seus significados são diversos.

Segundo Philippini (2013, p. 11), existem várias formas de descrever o que é Arteterapia, sendo que uma destas considera-a como um processo terapêutico que ocorre por meio da utilização de modalidades expressivas diversas. Através de linguagens expressivas são geradas imagens que concretizam produções simbólicas. Estas variam em suas formas, cores, texturas, volumes, plasticidades, entre outros aspetos.

A partir dessas imagens produzidas são identificados símbolos e conteúdos que, com a ajuda da arteterapia, vão sendo trabalhados para o bem-estar das pessoas. Uma das características da Arteterapia é trazer à superfície, símbolos e conteúdos adormecidos, ou que se encontram na camada mais profunda do inconsciente. Ao emergirem para a consciência, os conteúdos passam a contribuir para a transformação da pessoa, possibilitando o seu convívio com os seus sentimentos e questionamentos, que agora passam a ser visíveis, contribuindo para o seu bem-estar. Sendo assim, a Arteterapia pode ser vista como um processo terapêutico que utiliza diferentes modalidades expressivas como a pintura, modelagem, costura, bordados, colagens, desenho, entre outras.

Nesta pesquisa, destaco a modalidade do desenho, como prática artística utilizada para fazer os doodles.

1.5. A compulsividade dos doodles de Sam Cox (Mr Doodle) e o movimento vibrante das linhas de Keith Haring

Sam Cox (RU, 1994) é um artista britânico famoso por sua abordagem única de criar arte através de doodles, mais conhecido como Mr Doodle, o artista descreve

a sua prática como “OCD-Obessive Compulsive Drawing”. Na sua infância preenchia os seus livros, cadernos escolares com rabiscos, chegou até a rabiscar os móveis dos seus pais, e desde então evoluiu não apenas para uma carreira, mas para um universo que designou de “Doodle Land”.

Ao longo dos anos, Sam Cox desenvolveu trabalhos para grandes marcas: Adidas, MTV e Cass Art, (Fig. 19).



Fig.19 – Mr Doodle, 2018, “MTV”, doodles, s.d.

O objetivo principal da sua obra é fazer com que o público se entretenha a decifrar os seus rabiscos. Acima de tudo, o seu trabalho é sobre divertir-se e não levar as coisas muito a sério. “Muita arte está sem senso de humor”, afirma Cox, tal como, “É divertido poder desenhar e criar o seu próprio mundo, e às vezes é engraçado. Não tenho medo de as pessoas rirem de mim ou se não o entenderem” (Cox “apud” Paula, 2019).

O seu estilo fluido e orgânico é marcado por um fluxo contínuo de linhas que se entrelaçam criando uma composição harmoniosa dando uma sensação de movimento constante. O seu estilo de trabalho recorre a linhas pretas em fundos brancos, repletos de símbolos, pequenas personagens estranhas e cenas complexas.

O seu trabalho é frequentemente descrito como sendo invadido por doodles que se distribuem em grandes superfícies, como paredes, móveis, veículos, e até mesmo quartos inteiros, criando numa forma espontânea e sem planeamento. Podem

ser tanto desenvolvidos em grande escala como em pequena escala, em pequenos cadernos.

No seu projeto “Doodle House” (2020-2022), o artista cobriu cada superfície de sua casa com doodles (Fig. 20). A casa foi totalmente pintada de branco criando o quadro perfeito para Cox encher cada centímetro, incluindo os móveis, com os seus rabiscos. Cada divisão tem o seu próprio tema: a água para a casa de banho, os sonhos para os quartos e as escadas. Sam Cox transforma doodles em uma forma de arte reconhecida e apreciada globalmente, provocando que a espontaneidade e a criatividade sem restrições tenham um lugar importante no mundo da arte contemporânea.

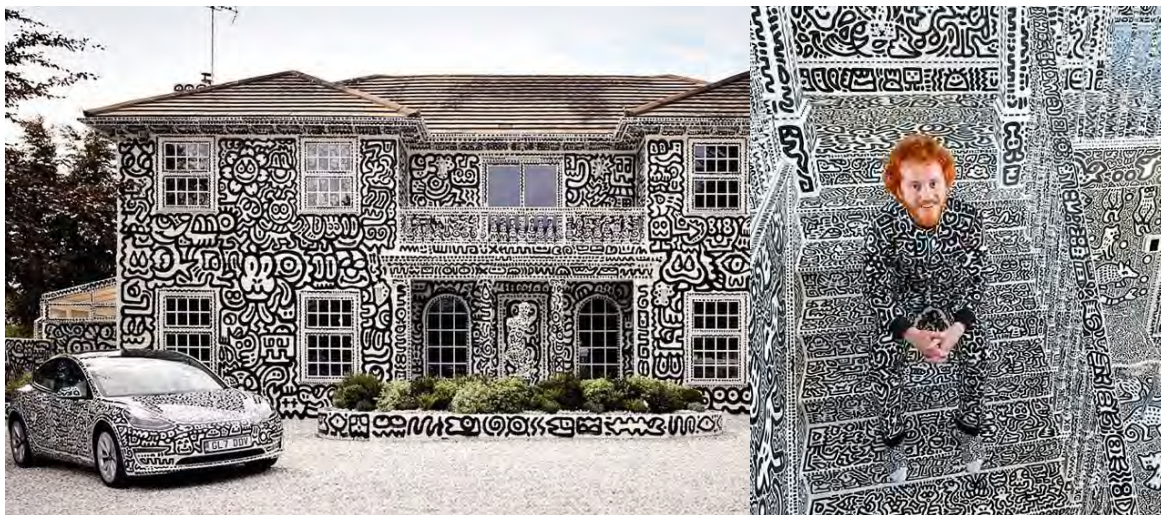


Fig. 20 – Sam Cox, 2022, “Doodle House”, s.d.

Cox menciona que as suas influências incluem artistas como Keith Haring (EUA, 1958-1990), que usa também linhas e formas simples para criar obras complexas.

Keith Haring foi um artista cujas obras e estilo tiveram uma influência sobre a popularidade e a evolução dos doodles na arte contemporânea, sendo mundialmente reconhecidas. O estilo do seu desenho recorre a linhas grossas simples e espontâneas com contornos nítidos, mas poderosas com impacto visual e padrões repetitivos. Haring recorria a uma paleta de cores vibrantes que incluíam o vermelho, o amarelo, o verde, e o azul, e que eram aplicadas em grandes áreas de fundos pretos sem sombreamento, pois a cor era utilizada para chamar atenção e transmitir emoção, envolvendo o público em seu processo criativo. As figuras estilizadas são elementos

centrais em suas obras, desenhadas em movimento dançando, correndo ou interagindo umas com as outras (J.P, 2012) (Figs. 21-22).



Fig. 21 – Keith Haring, 1987, “Untitled (Dance)”, tinta acrílica sobre tela, 213,4 cm (A) x 304,8 cm (L).



Fig. 22 – Keith Haring, 1989, “Fold 'n Please Card”, tinta acrílica e marcador sobre papel, 21,6 cm (L) x 13,3 cm (A).

O artista acreditava que a arte deveria ser acessível a todos, criando murais públicos e arte de rua desenhando em metros da cidade de Nova Iorque, que exigiam rapidez do processo de criação, utilizando com frequência doodles abstratos que integram elementos figurativos como bebês, cães, figuras humanas e discos voadores, e que ajudavam a transmitir mensagens específicas ao público. O artista usava a sua arte para abordar temas como a doença SIDA, a violência e os direitos civis dos homossexuais (Figs. 23-24). Apesar de abordar questões específicas, as suas obras frequentemente carregavam uma mensagem universal de amor, vida e

resistência (J.P, 2012). Após o reconhecimento público, Haring criou obras de maior escala, como murais coloridos, muitos deles encomendados.

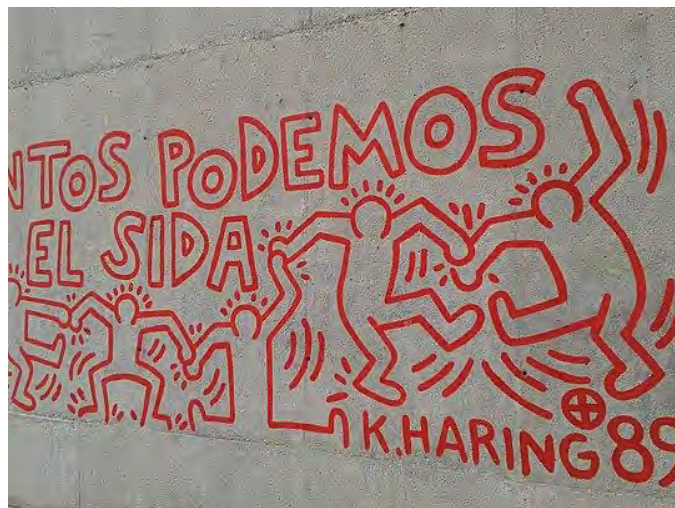


Fig. 23 – Keith Haring, 1989, “Todos Juntos Podemos Parar el SIDA”, Barcelona, tinta acrílica sobre mural, c. 400 cm (L) x 1000 cm (A).



Fig. 24 – Keith Haring, 1986, “Gay/Lesbian Pride Day”, Nova Iorque, tinta acrílica sobre tela, 213 cm (L) x 213 cm (A).

Em 1986, abriu a loja Pop Shop como extensão de seu trabalho que vendia brinquedos, t-shirts, posters, botões, com as suas imagens. Pintou todo o interior da loja em um mural abstrato com preto sobre o branco criando um ambiente marcante e único. Em 1989, fundou a Fundação Keith Haring dedicada a apoiar organizações de apoio aos doentes de SIDA, programas de arte para crianças e outras causas

beneficentes. A fundação continua a sua obra, apoiando diversas causas sociais. Haring faleceu a 16 de fevereiro de 1990, com complicações relacionadas com a SIDA (J.P, 2012).

CAPÍTULO 2. A COMUNIDADE CULATRENSE

2.1. Genealogia da comunidade culatrense

Culatra,
Quando alguém aqui chegou
E fez de ti o seu lar,
Decerto nunca pensou
o povo que se gerou,
Nesta ilha junto ao mar.’

Florival D. Reis Pereira, “Canção da Culatra” (excerto), 2008.

A Ilha da Culatra faz parte do conjunto de ilhas-barreiras do Parque Natural da Ria Formosa, no Algarve, em Portugal. Situa-se a sudoeste da ilha da Armona e a nordeste da ilha da Barreta, frente a Olhão, embora pertença administrativamente ao município de Faro, União das Freguesias de Faro, (Sé e São Pedro). Esta Ilha é formada por três núcleos populacionais, a Culatra, os Hangares e o Farol, e no conjunto destes núcleos, esta ilha toma como nome de Ilha Santa Maria (Caldeira, 2015).

A Ilha da Culatra é constituída por uma larga costa com cerca de 6km de comprimento e uma largura que varia entre os 100 m a 900 m dependente da maré. Ao longo da costa é possível caminhar desde a Culatra até ao núcleo do Farol. Uma Ilha com aproximadamente mil habitantes, distribuídos por cerca de quatrocentas habitações, predominante de pescadores e mariscadores, que atualmente também vivem do turismo (Coutinho, 2008).

Desde o século XVI que existem relatos da ocupação da Ilha da Culatra designada, na altura, de “Ilha dos Cães”, devido à presença de cães de água, característica da região. A ilha funcionava como espaço de quarentena para quem chegava de África para evitar que a peste africana atingisse Portugal. Não havendo estruturas e condições sanitárias, por esta razão, muitas pessoas acabavam por

morrer devido a doenças adquiridas na ilha e também por ataques de pirataria (Caldeira, 2015).

Em 1918, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, começou a ser construído na ilha um Centro de Aviação Naval vocacionado para a luta antissubmarina. Apesar de parcialmente construído e utilizado, com o fim da guerra o centro nunca foi oficialmente ativado, sendo as suas instalações utilizadas como infraestruturas de apoio a um campo de tiro da marinha ali instalado. No século XIX a toponímia alterou-se por motivos desconhecidos, passando a chamar-se Ilha da Culatra (Coutinho, 2008).

A ocupação do território da Ilha da Culatra a partir da migração de pescadores foi iniciada no final do século XIX (Magalhães 1970; Coutinho 2008; Leonardo 2020), bem como a caracterização do modelo socioespacial das primeiras habitações e sua reverberação ao longo do século XX, do que chamaremos de modelo casa-território-família. Acreditamos que esta forma de organização do território traduz-se na consolidação do núcleo habitacional da Culatra. O maior núcleo é o da Culatra e pode ser descrito com uma vila de pescadores que dava apoio às campanhas sazonais das armações de atum. Atualmente, este núcleo é composto por uma escola, um infantário, uma igreja, vários cafés e restaurantes, um parque infantil, um campo de futebol de relva sintética, várias mercearias, uma delegação do correio, uma extensão do Centro Saúde, proteção civil, extensão União de Freguesias, proteção civil e uma pista de aterragem para helicópteros (Caldeira, 2015).

Neste núcleo existem 4 instituições que se apoiam entre si:

A Associação de Moradores da *Ilha da Culatra*, que representa os moradores do núcleo; o Clube União Culatrense, 1974, que representa a parte desportiva da ilha com uma equipa de futebol profissional.

Seu clube, o Culatrense
Orgulho dos pescadores
Seu futuro a Deus pertence.
Nos bons e maus dissabores.”

Morador da Culatra, 1999

Integra, de igual forma, a Associação Nossa Senhora dos Navegantes que representa a parte social, e que presta apoio domiciliar e banco alimentar aos idosos, e proporciona às crianças um infantário e atividades de tempo livres, e a Associação ProDiJo (Associação de Jovens) que representa a parte juvenil.

Como património, tem ainda o Farol do Cabo de Santa Maria e a Capela da Ilha da Culatra, datada de 1956, que fazia parte do domínio paroquial da cidade de Faro até 1983, tendo sido depois transferida para a paróquia de Olhão.

Esta alteração reflete a vontade dos moradores da localidade e, ao mesmo tempo, acentua a ligação do lugar da Culatra com a cidade de Olhão, que é predominantemente piscatória, diferenciando-se de Faro, capital dedicada aos serviços administrativos. Ainda no tempo em que não havia energia elétrica na ilha, as luzes que os ilhéus avistaram eram as de Olhão que, até hoje, é o ponto privilegiado para estabelecerem relações pessoais, comerciais e institucionais.

É na Capitania do Porto de Olhão que se efetua o registo dos barcos de pesca e de recreio, bem como a venda do peixe na lota, sendo também no comércio da cidade de Olhão que compram utensílios, nos supermercados, em lojas, como também é para Olhão que levam os entes queridos para sepultamento. É lá que eventualmente estabelecem a segunda habitação e estacionam os seus automóveis. Como podemos verificar que a relação estabelecida com o município de Olhão tem várias vertentes, que vão desde a construção dos laços por conta da proximidade geográfica (em oposição a Faro), passando pela questão da identidade pesqueira e na pertença religiosa, através da participação da Senhora do Rosário (padroeira de Olhão) na Festa da padroeira da Ilha da Culatra (Figs. 25-26). E, finalmente, no apoio às questões politicamente estratégicas para a negociação das condições de permanência no núcleo habitacional da Culatra.

Em Agosto chega o dia
Onde há festa e devoção
Há amizade e Romaria
Onde não falta a procissão.

Morador da Culatra, 1999



Fig. 25 – Alexandra Grelha, 2024, “Procissão da Festa da Padroeira da Ilha da Culatra”,
fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig. 26 – Alexandra Grelha, 2024, “Procissão da Festa da Padroeira da Ilha da Culatra”,
fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.

Em suma, verificamos que atualmente, a ilha está administrativamente na jurisdição da União das Freguesias da Sé e São Pedro, no município de Faro, embora as suas atividades do dia-a-dia estejam mais ligadas à cidade de Olhão, geograficamente mais próxima. A Culatra tem vindo a desenvolver-se cada vez mais, atraindo assim uma grande quantidade de turistas que trocam as suas cidades por esta Ilha.

Cabe destacar que, ao longo do século XX, houve continuidade das atividades pesqueiras como meio de subsistência com o município de Olhão. E ainda, identifica-se, no núcleo habitacional da Culatra, o desenvolvimento e o crescimento de organizações, das quais se destaca a Associação de Moradores da Ilha da Culatra,

cuja conjuntura de sua criação está intimamente ligada às reivindicações e concessões de grande parte das melhorias. Entre estas destacam-se: o centro de apoio social, em 1991; o fornecimento de energia elétrica, em 1992; a construção do porto de abrigo para as embarcações de pesca, em 2008; o abastecimento de água canalizada e rede de saneamento básico, em 2009; o estabelecimento da Delegação da Cruz Vermelha, em 2011, e, recentemente; a concessão dos títulos de uso dos recursos hídricos aos moradores, em 2019 (Caldeira, 2015). A Associação de Moradores da Ilha da Culatra, entidade fundada no ano de 1987, representa formalmente os moradores do núcleo nos diálogos estabelecidos com as entidades governamentais que atuam naquela jurisdição, algumas como a Câmara Municipal de Faro, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA), o Parque Natural da Ria Formosa (PNRF), o Ministério do Mar, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, e o Secretariado Europeu das Ilhas da União Europeia.

2.2. As artes da pesca

Atualmente destacam-se as embarcações e artes do porto de pesca a nascente do cais de embarque, e os viveiros onde se cultiva amêijoia-boia e ostra, a poente do cais. Entre as artes de pesca na Culatra prevalecem as redes de tresmalho e de emalhar para captura de diversas espécies. Relativamente aos meios de transporte para o trabalho, as embarcações tradicionais em madeira, a vela ou remo deram lugar a barcos em fibra movidos a motor.

Embora ainda seja possível encontrar alguns destes barcos tradicionais na ilha. As atividades laborais dos homens estão ligadas sobretudo à pesca artesanal, tal como ao conserto das artes e ao trato dos viveiros. Entretanto, não é incomum encontrar uma mulher “iscando” os aparelhos, safando redes ou indo tratar do viveiro da família.

O teu Dom, é natural
tua beleza nos convence,
que no Mundo não há igual,
Linda Mulher Culatrense.”

Florival D. Reis Pereira, excerto da “Canção da Culatra”, 2008.

Os Apoios de Pesca assim como a Zona de Trabalho ficam próximos ao Porto de Abrigo, destinado às chegadas e partidas das embarcações pesqueiras.

Ao caminhar junto Porto Abrigo, vêem-se pescadores na sua azáfama com as redes e nos seus viveiros de ostra, todos aqueles barcos ancorados e as gaivotas à procura que lhes caia um peixe, sem qualquer receio de nós (Figs. 27-28).



Fig. 27 – Alexandra Grelha, 2023, “Pescador na sua azáfama com as redes I”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.

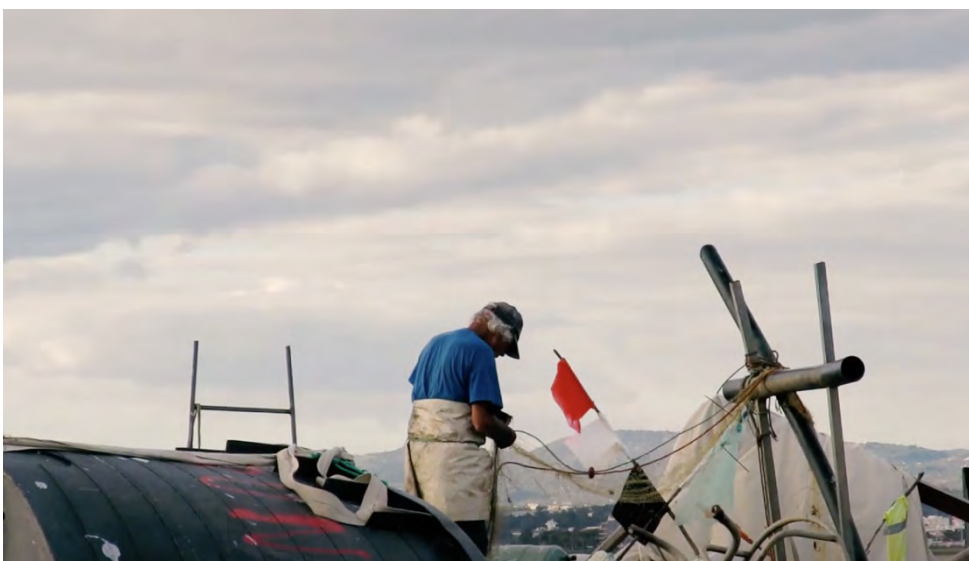


Fig. 28 – Alexandra Grelha, 2023, “Pescador na sua azáfama com as redes II”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.

A Zona de Trabalho compreende toda a extensão entre a faixa de areia e a Ria, e neste perímetro ficam armazenados alguns materiais de trabalho. Os pescadores limpam, organizam e armazenam os mais variados materiais de pesca e trabalho (Figs. 29-30).



Fig. 29 – Alexandra Grelha, 2023, “Zona de Trabalho”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig.30 – Alexandra Grelha, 2023, “Zona de Trabalho”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).

As mesas são sacos para o acondicionamento das sementes de ostra (ostras bebés), confeccionadas em eliaço e com diferentes espessuras de malha, que vão sendo substituídas de acordo com o estágio de crescimento da ostra, até que ela esteja pronta para a colheita e comercialização (Figs. 31-32).



Fig. 31 – Alexandra Grelha, 2024, “Aquicultura”, fotografia, 1080 px (A) x 1030 px (L).

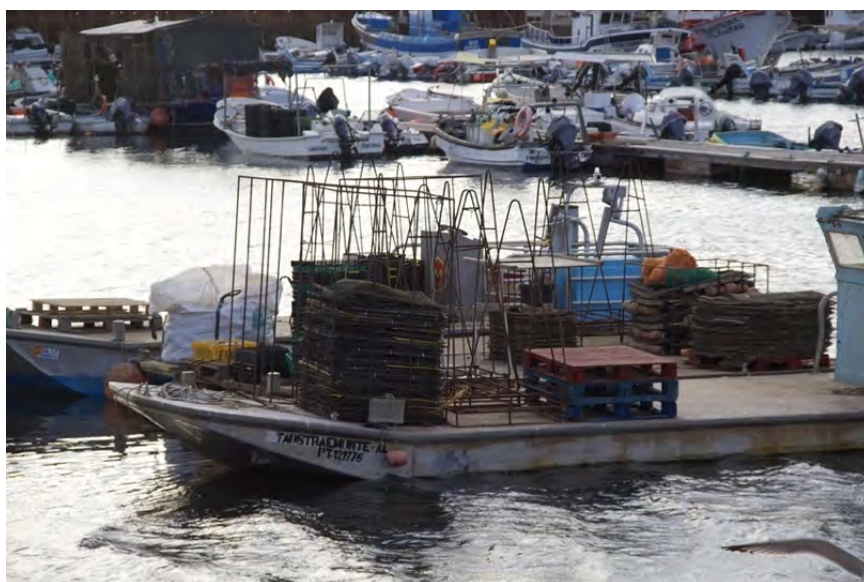


Fig. 32 – Alexandra Grelha, 2023, “Armazenamento”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).

Já os covos são, uma arte de pesca do tipo armadilha em gaiola rígida com sistema de abertura e fechamento que impede que o animal escape (Figs. 33-34). A manutenção dos covos é feita de forma manual em que se utiliza um instrumento de metal para raspar as grades da estrutura, é preciso tirar os caramujos e “sujeiras” que se vão agarrando à estrutura.



Fig. 33 – Alexandra Grelha, 2023, “Covos I”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).



Fig. 34 – Alexandra Grelha, 2023, “Covos II”, fotografia, 2334 px (A) x 1556 px (L).

Entre os afazeres essenciais para a pesca está o safar as redes, que geralmente acontecem ainda no Porto de Abrigo, e é o momento em que os trabalhadores das embarcações desenrolam as malhas e retiram os resíduos vindos do mar, sobretudo algas que ficam presas nas malhas das redes de pesca. Esta é uma atividade predominantemente masculina. Já “iscar os aparelhos” é realizado antes da pesca, sendo uma atividade feminina.

O aparelho é uma corda que de braço a braço leva uns 400 anzóis, e que para a isca usa-se desde minhoca até pedaços de peixes como sardinha e peixe-rei, sendo que a escolha depende da espécie a capturar.

A apanha de amêijoas é uma atividade desempenhada, na sua maioria, por mulheres, que têm na atividade uma importante complementação de renda para a família, além da faca e do cesto, o corpo de quem realiza é um conjunto de técnicas expressas em movimentos corporais (Figs. 35-36).



Fig. 35 – Alexandra Grelha, 2023, “Apanha da amêijoa”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig. 36 – Alexandra Grelha, 2023, “Dona Lena”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.

Por fim, temos o cultivo de ostras, em que predominam as atividades em viveiros de ostras, sendo das concessões privadas.

O acesso à Ilha da Culatra faz-se apenas por barco. A maioria dos turistas usam os barcos de carreira que partem de Faro e de Olhão para as localidades da Culatra e Farol, como também existe a possibilidade de recursos dos aqua-táxis que fazem transportes para as localidades de hangares, porque aí só podem mesmo irem de mar-táxis. Não há carros dentro da Ilha da Culatra, exceto os tratores a serviço da população, e de algumas bicicletas, maioritariamente deslocam-se a pé, num passadiço, que transporta os visitantes através do amplo sistema dunar.

Nestes locais crescem plantas de sapal. As condições ambientais nas dunas são duras: insolação e aridez, ventos salinizados, escassez de nutrientes e mobilidade das areias. Apenas algumas espécies conseguem colonizar este meio.

Pode-se usufruir de toda a beleza natural da ilha da culatra, podemos esquecer que pertence a um parque natural, por esta razão devemos ter uma atitude cuidadosa de proteger os ecossistemas adaptando regras de conduta, como observar os animais, sem incomodar, respeitar a calma do local (Figs. 37-38).

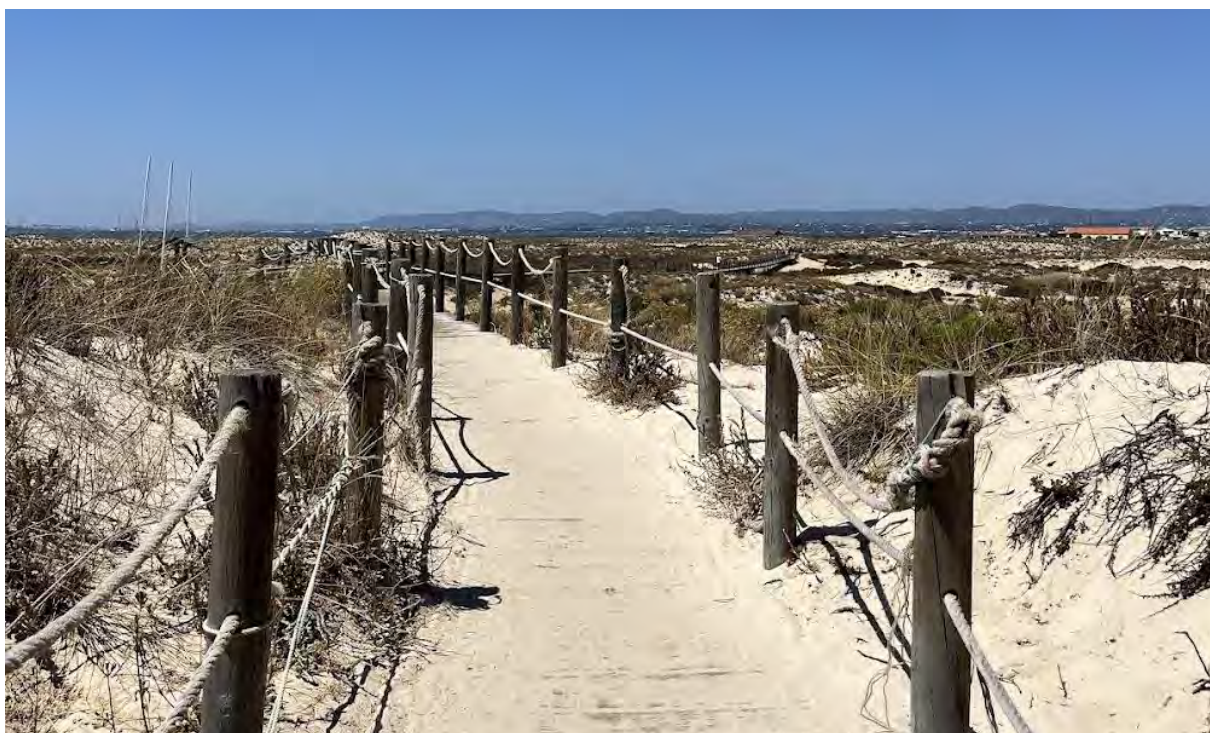


Fig. 37 – Alexandra Grelha, 2024, “Passadiço”, fotografia, 1004 px (A) x 1338 px (L).



Fig. 38 – Alexandra Grelha, 2024, “Proteção às dunas”, fotografia, 1004 px (A) x 1338 px (L).

A Ilha da Culatra, é considerada uma área de grande importância ecológica e paisagística, esta faz parte das sete maravilhas naturais de Portugal e abriga uma grande diversidade de fauna e flora.

2.3. Festividades

Momento importante para os culatrenses, trata-se da Festa da Ilha da Culatra, em que se celebra a devoção à Senhora dos Navegantes, ao mesmo tempo em que se constitui a afirmação de uma identidade muito própria, o reforço dos laços comunitários e o orgulho de se ser filho da Ilha.

A Festa em Honra da Nossa Senhora Navegantes, ou a Festa da Ilha, acontece no primeiro fim de semana de agosto. São dois dias de atividades lúdicas e religiosas que terminam na procissão onde os homens do andor vão, de barco, até Olhão buscar a imagem da Nossa Senhora do Rosário, na igreja matriz. A Festa da Ilha começa a ser preparada com antecedência e envolve um grande número de pessoas, com diversas tarefas.

O grupo das “senhoras da igreja” e o grupo dos “homens do andor”, desempenham papéis centrais na realização da procissão, bem como, os proprietários das três embarcações encarregadas do transporte das imagens e da banda que acompanha o cortejo. Iniciam-se os preparativos, pela manhã de sexta-feira e sábado, às tarefas a executar: limpeza e organização interna e externa da capela, descida e colocação das imagens nos andores, ornamentação dos andores, decoração das ruas que a procissão percorre, bem como dos barcos que participam do trajeto pela Ria Formosa.

São duas as imagens a preparar para a procissão: “Nossa Senhora dos Navegantes” e o “Sagrado Coração de Jesus”, com ajuda de uma florista vinda de Olhão, porque esta etapa requer uma preparação de muito cuidados. As flores para o “Sagrado Coração de Jesus”, são sempre gládios em cor de laranja – que é a cor do manto do nosso senhor – com umas palmas em verde. E para a Nossa Senhora, no barquinho, podem ser colocadas gerberas, margaridas, rosas cor-de-rosa, coroas imperiais e também os antúrios. E para contorno do barco temos a margarida (Fig. 39).



Fig. 39 – Alexandra Grelha, 2024, “Preparativos”, fotografia, 1080 px (A) x 1030 px (L).

Um dos momentos lúdicos mais guardados entre “as moças da Ilha”, é o baile que nos “tempos de solteira”, nas décadas de 1960 e 1970, se organizava para a Festa da Ilha, e as raparigas juntavam-se para preparar as roupas e “cada uma apresentava o que de melhor tinha” (Fig. 40). Atualmente continuam a existir bailes, mas já existe um carisma mais multifacetado e cada dia mais crescente de turistas, sendo este o ponto alto, da programação profana, da Festa da Ilha.



Fig. 40 – Alexandra Grelha, 2024, Entrada para o baile, fotografia, 1080 x 1030 px.

Os culatrenses são pessoas trabalhadoras, fortes, dinâmicas e com um forte sentido de justiça e união. É uma comunidade familiar, onde todos se conhecem e quase todos têm laços familiares entre si, e as pessoas são também, muito animadas

e aproveitam sempre para festejar quer seja um jogo de futebol, um aniversário ou jogo de matraquilhos. Os locais de convívio são os cafés, restaurantes, normalmente os homens estão num café e as mulheres noutra.

Cada habitante, é um amigo
Um pai, um filho, um irmão
Trazem no rosto um sorriso
Tão puro como seu coração.

(Morador, Culatra, 1999)

Para quem chega à Ilha da Culatra acha estranha essa rotina, mas ela faz parte da ilha e que tem haver com o facto de todos se conhecerem e não com questões de rivalidade ou de machismo. Embora esteja isolada do continente, a Culatra está longe de ser uma povoação fantasma de inverno. Mesmo no Inverno a festa continua.

Esta população desenvolveu nos últimos anos, um conjunto de lutas no sentido de reivindicar direitos essenciais, tais como eletricidade, esgotos e água canalizada. Sendo uma comunidade isolada, a Culatra enfrenta desafios específicos em termos de eficiência energética e autossuficiência, escassez de água, gestão de resíduos e poluição localizada. Dado que a energia representa cerca de 50% das despesas das famílias na ilha, a pobreza energética é outro desafio importante.

A Ilha da Culatra é um exemplo de preservação e sustentabilidade. Os habitantes têm consciência da importância de preservar o meio ambiente e adotam práticas sustentáveis em seu dia-a-dia. A iniciativa “Culatra 2030 – Comunidade Energética Sustentável” criou uma comunidade piloto em energias renováveis na Ilha da Culatra, Ria Formosa, Algarve (Fig. 41). A comunidade produzirá energia exclusivamente de fontes renováveis, terá o seu próprio sistema de distribuição de energia enquadrado numa Comunidade de Energia Renovável, usará a mobilidade elétrica, descarbonizar a sua indústria pesqueira e adquirirá hábitos e práticas de vida sustentáveis, tais como produzir água para autoconsumo e recuperar valor dos seus resíduos em projetos inovadores de economia social, circular e participativa. Além

disso, conta com centro de educação ambiental que promove ações de sensibilização e educação ambiental para moradores e visitantes com objetivo de conscientizar sobre a importância de preservar a natureza e os recursos naturais.



Fig. 41 – Culatra2030.

A Ilha da Culatra quer ser autossustentável até ao ano 2039. Com as parcerias da Universidade do Algarve, Fundação Oceano Azul, a Inovepesca, Fundação Gulbenkian, Fundação Bissaya Barreto e outros empreendimentos de experimentação de sustentabilidade têm sido impulsionados nesta comunidade, como por exemplo: intervenção de esculturas em forma de peixe para depositar plásticos, depósitos para repositor plástico, depósitos para resíduos cigarros bem como placas de energia solares (Fig. 42).



Fig. 42 – Alexandra Grelha, 2023, “projeto da aECO”, fotografia, 1726 px (A) × 1150 px (L).

Ao longo destes anos, foram submetidas candidaturas para diversos financiamentos, convertendo em novos equipamentos para apoiar as iniciativas experimentais em relação à área da sustentabilidade.

Entre estas, destacamos:

- Candidatura do programa operacional MAR 2020, que aprovou o projeto descarbonização da atividade de viveirismo. Consistiu em duas ações: construção da embarcação, batizada de Oyster, é constituída por motores elétricos e que utiliza o sol como fonte de energia, para apoiar as atividades dos viveiristas pela Ria Formosa e a instalação de unidades de geração fotovoltaica nas zonas de sombreamento da Culatra onde vai existir um armazenamento em baterias e carregamentos dos barcos no porto abrigo.
- Candidatura ao orçamento participativo "União Freguesia de Faro", que aprovou os seguintes projetos: autossuficiência energética dos edifícios da Associação Nossa Senhora dos Navegantes, instalando painéis solares nas suas instalações e a substituição das telhas de amianto, outro projeto, viaturas elétricas para o apoio dos domiciliários no núcleo da Culatra.
- Candidatura Programa "Bairros Saudáveis", onde houve uma requalificação da tenda multiusos do Núcleo Piscatório da Ilha Culatra.
- Aprovação da candidatura ao programa Cidadãos Ativ@s, consiste em fortalecer a cultura democrática e a consciência cívica, titulada "Culatra, comunidade sustentável", visando reduzir, reutilizar e reciclar a produção de resíduos e proteger os recursos vindos do mar.
- Adesão da Escola Básica da ilha, onde foi inserida na rede das escolas associadas da Unesco, para adquirir selo de Escola Azul.

Foi a partir da necessidade de negociar que se deu esta adesão iminente à "virada ecológica", que se encontra em curso.

Em suma, a Ilha da Culatra é um verdadeiro tesouro do Algarve, com as suas praias paradisíacas, natureza exuberante e comunidade de pessoas com tradições centenárias, ela encanta todos que a visitam.



Fig. 43 – Alexandra Grelha, 2024, “Vista aérea da Ilha da Culatra I”, fotograma de vídeo, HD, 1920p, cor, som, 5:06 min.



Fig. 44 – Alexandra Grelha, 2024, “Vista aérea da Ilha da Culatra II”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 5:06 min.

Vá lá, comprove a verdade
 Desta gente nem igual
 Nesta ilha do Algarve
 Um cantinho de Portugal.

Morador da Culatra, 1999

CAPÍTULO 3. PRÁTICA ARTÍSTICA

3.1. O processo criativo que sustenta a minha prática artística

Seja qual for o estilo artístico a que pertence uma obra, a técnica de execução da mesma ou a vertente artística do autor, todas elas têm em comum certos elementos como: linhas, tons, cor, luz, sombras, entre outras. As minhas técnicas, que se baseiam nas assemblagens e nos doodles, apresentam uma composição livre. Identifico-me com estas práticas porque oferecem-me uma maneira simples e espontânea de me expressar, sem quaisquer restrições, e de explorar a minha criatividade sem julgamentos, refletindo os meus pensamentos, emoções, e estado mental de forma direta e honesta tornando uma forma de relaxamento e reduzir o “stress”.

Na prática, os meus projetos recorrem aos doodles, uma forma artística ainda muito desvalorizada, sendo referida como meros rabiscos sem significado. Ao compreender o conceito de imagem enquanto elemento e linguagem da comunicação visual, sublinho que a prática artística do doodle, relacionada com o meu dia-a-dia, é também um motor para melhorar a minha saúde mental. Abordar esta temática torna-se algo pessoal, tendo sido alvo de preconceito em determinada altura da minha vida.

A partir de um ponto podemos traçar uma linha. A linha é uma sequência de pontos. Essa linha deve ser entendida como força e direção e não apenas como linha de contorno. Assim, elas também podem gerar sensações psicológicas como paz, agitação, entre outras. Uma linha fechada gera uma forma dos objetos representados na obra e está diretamente relacionada com o seu equilíbrio ou a sua instabilidade. A cor é o toque final de uma composição artística, utilizo muito a linha preta.

Com os meus desenhos pretendo que os espectadores fiquem animados e possam procurar o seu próprio significado nas várias mensagens transmitidas nos meus rabiscos. Cada pessoa tem um processo terapêutico único associado ao seu processo criativo. Identifico-me com a arte dos doodles porque são desenhos feitos com formas livres e que podem ser abstratos ou até representar algo, carregados de sentimento. Um sentimento inconsciente reproduzido em forma abstrata, como amor, raiva, solidão, ansiedade entre outros. Para mim, é uma arte transparente, espontânea e sincera. Sinto que quanto mais sentimento é colocado no desenho, mais verdadeiro

e surpreendente se torna, tendo um caráter espontâneo e imediato mostrando a capacidade de dizer o essencial através do mínimo. Consigo exprimir através dos doodles o inconsciente, a identidade, o sentimento, o abstracionismo e o simbolismo (Figs. 45-46).



Fig. 45 – Alexandra Grelha, 2024, “AnçolE”, livro de artista, doodle s/papel, 14.8 cm (A) x 21 cm (L).

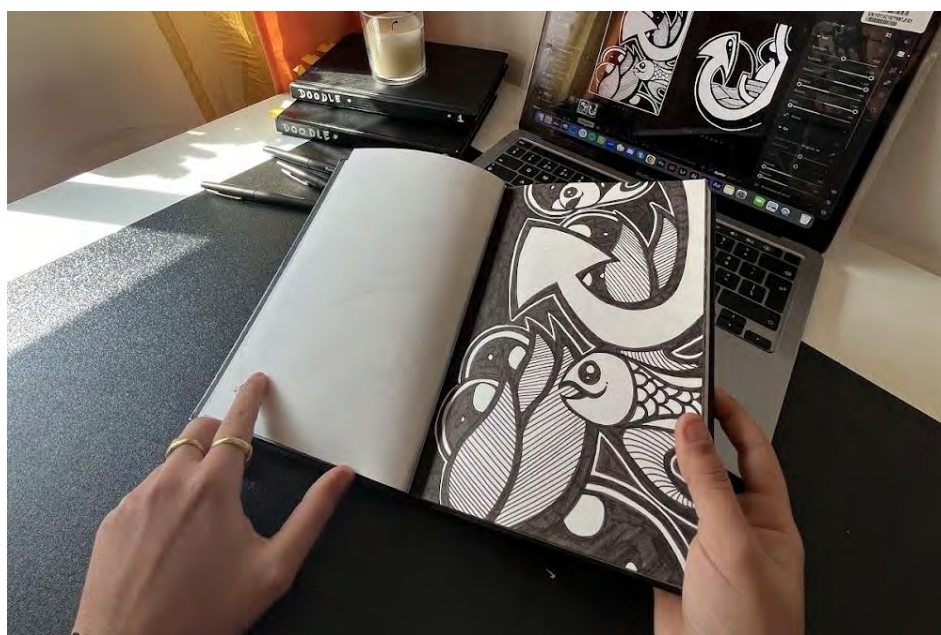


Fig. 46 – Alexandra Grelha, 2024, “Fundo do MarE”, livro de artista, doodle s/papel, 14.8 cm (A) x 21 cm (L).

Quais as vantagens de um doodle, para mim? Ajuda-me a expandir a mente, a reter, a compreender e a relembrar mais informação, aumenta-me a qualidade de ideias criativas e o meu potencial cognitivo. A sua prática proporciona-me a capacidade de uma visão de um todo, desenvolve-me o pensamento criativo, estratégico e crítico e auxilia-me no respeitante ao meu desempenho organizacional. Dá-me maior e melhor capacidade de concentração, relaxamento e abertura de possibilidades de ir mais além naquilo que se pensa e se cria, bem como um profundo e gratificante gozo pessoal. Porque retém a informação? Desde cedo que somos seres visionários, excluindo os casos particulares das pessoas que sofrem de cegueira. Daí que o ato de visualizar é fundamental na retenção de algo em memória. Basta pensar nos filmes que vimos, em como sabemos contar a outros as cenas que mais nos impressionaram e, por vezes, com um detalhe notável. Assim, fazer um esquema que traduz aquilo que estamos a ouvir, ou fazer um simples rabisco, é um modo visual de registar algo que nos queremos lembrar, ou um modo visual de nos ajudar a focar naquilo que a pessoa está a dizer.

Na minha prática de fazer doodles, utilizo, caneta, lápis, papel, e superfícies diferentes como roupa, madeira, parede, tela, vidro. Uso muito a cor preta em superfícies brancas como também uso outras cores para realçar e expandir as minhas emoções (Fig. 47).



Fig. 47 – Alexandra Grelha, 2024, “Pormenor do painel Cavalo Marinho”, oficina de azulejo no Museu Nacional do Azulejo-AMagazine, 14 cm (L) x 14 cm (L).

O processo de criação de assemblagem com lixo marítimo, envolve transformar os resíduos encontrados na zona onde as pescadoras encontram-se a remendar as suas redes, bem como à beira-mar, tentando dar novo significado e valor a materiais descartados, tendo uma forte componente ecológica e mensagem ambiental relacionada com o consumo e poluição humana.

A técnica de assemblagem tem várias vantagens para os meus trabalhos, especialmente considerando a minha ligação com o mar, o lixo e a própria escultura.

A reutilização de materiais encontrados tem significado para as minhas peças, tornando cada elemento parte da minha história maior, permitindo explorar a relação entre o mar e os resíduos, evocando memórias da minha infância na ilha.

A mistura de materiais cria um contraste interessante, entre a dureza do metal e a fragilidade do plástico desgastado pelo mar.

O uso da cor preta, que eu me identifico, enfatiza-me as texturas e cria uma unidade visual impactante.

Dar uma nova vida a objetos descartados, gera reflexões sobre o impacto humano nos oceanos e incentiva a mudanças de comportamentos.

Tendo como objetivo conhecer e envolver-me no dia-a-dia dos culatenses desenvolvi uma prática que envolve as pessoas desta comunidade dando-lhes voz através da sua participação ativa.

Tive de ter uma predisposição para ouvi-los no seu contexto do seu quotidiano, estas entrevistas exploratórias tiveram como público-alvo a comunidade culatense, onde a vida destas foram marcadas pelas suas histórias de vida.

Por conseguinte comecei por pedir autorização para poder gravar as conversas e entrevistas que iam ser efetuadas.

Foram realizadas quatro entrevistas principais – um pescador, uma mariscadora, uma enfermeira e uma administrativa/ajudante de enfermagem –, e outras, secundárias, as quais foram conversas informais, de observação e de deambulação nos espaços da ilha, bem como nos locais onde os pescadores permanecem a maior parte do seu tempo.

Durante estas entrevistas fizeram-me reviver momentos que me lembraram quando eu era criança. Houve sempre uma empatia ativa. Nestas entrevistas realizadas, tomei conhecimento das histórias de vida, em particular as que se centram nas minhas memórias de quando eu era criança (Figs. 48-50).



Fig. 48 – Alexandra Grelha, 2023, “D. Lena e Sr. Rui”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig. 49 – Alexandra Grelha, 2023, “Cecília”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig. 50 – Alexandra Grelha, 2023, “Patricia Grelha”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.

Em suma, fiz o levantamento do lugar através dos registos fotográficos, videográficos e áudios, onde segui os seguintes passos:

1. Observação e interação com os culatrenses;
2. Interação com o espaço envolventes;
3. Finalização dos registos das narrativas, das fotografias e áudios;
4. Exibição dos vídeos no YouTube (dois vídeos- um geral com entrevistas e outro com a Festa da Ilha- Nossa Senhora dos Navegantes).

Ao longo deste percurso, elaborei três diários gráficos com doodles, onde exprimo os meus sentimentos através de gravuras relacionadas com o mar e o seu conteúdo.

Posso concluir que a vida desta comunidade culatrense, há alguns anos atrás com escassos recursos, mas que presentemente tem uma vida mais facilitada devido aos projetos de apoio a que se candidataram, e que melhoraram a sua qualidade de vida. As histórias e as emoções compartilhadas serviram como ponto de partida para as minhas peças.

Por último, pude verificar que os culatrenses têm uma relação afetiva profunda com a sua própria ilha e que adquiriram uma sabedoria resultando da sua experiência em comunidade e com o meio em que estão inseridos.

Procedimentos práticos

Os procedimentos práticos que desenvolvi, ao longo deste trabalho para criar as minhas esculturas foram os seguintes:

1. A primeira fase, foi a colheita de materiais, onde tive de pesquisar e planear, identificando os locais onde podia encontrar lixo marítimo em quantidade. Recolhi, nesta etapa, diferentes tipos de lixo como plásticos, redes de pesca, madeira, metais, boias, anzóis, cordas, tecidos, entre outros detritos (Figs. 51-52). Defini também critérios de seleção dos materiais com base na sua forma, textura e cor. O equipamento utilizado na recolha foram sacos e luvas. Em relação aos doodles tive de ter à mão marcadores permanentes e tintas para desenhar nas diversas superfícies.



Fig.51 – Alexandra Grelha, 2023, “Recolha de material”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig. 52 – Alexandra Grelha, 2023, “Recolha de material II”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.



Fig. 53 – Alexandra Grelha, 2023, “Recolha de material III”, fotograma de vídeo HD, 1920p, cor, som, 4:06 min.

2. Quanto à segunda fase, tive de selecionar e preparar os materiais coletados (Fig. 53). Em relação à sua composição e classificação, antes de começar imaginei como os objetos podiam ser combinados para criar uma forma coesa. Escolhi uma base robusta para a escultura e os itens foram organizados por tipo, textura e tamanho. Por sua vez, a criação das peças finais (Figs. 54-60), foi dividida também por fases:

a) O planeamento da composição, onde organizei os objetos, e os doodles em um esboço preliminar e também diretamente na superfície. De igual modo, pensei em como elas se complementam ou contrastam, e fiz várias experiências com diferentes disposições dos materiais em uma superfície plana redonda explorando a interação entre os elementos.

b) A fase de fixação, onde usei adesivos, pregos, cola e fios, para fixar os materiais na base da assemblagem assegurando que a construção seja estável e duradoura.

c) A textura e profundidade, onde explorei camadas e sobreposições para criar uma sensação de profundidade e interesse visual.

d) O refinamento, onde depois de montar a estrutura básica adicionei detalhes que pudessem enriquecer a narrativa visual. Selecionei as áreas da escultura onde os doodles foram aplicados destacando um contraste interessante, branco no preto. Em seguida, comecei por desenhar padrões, figuras e formas abstratas criando uma integração orgânica entre o desenho e a escultura.

e) O equilíbrio visual, onde por fim ajustei a composição até que houvesse uma harmonia entre os elementos bidimensionais (doodles) e os tridimensionais (objetos).

f) O acabamento das peças através da aplicação de tinta de “spray” preto, secando-as ao ar e finalizando-as com doodles em branco.



Figs. 54-55 – Alexandra Grelha, 2023, “União”, assemblagem com MDF, redes, cordas, plásticos, bota, entre outros objetos, 50 cm (A) x 5 (P) x 52 cm (Ø) / 46 cm (A) x 3 cm (P) x 38 cm (Ø).



Fig. 56 – Alexandra Grelha, 2023, “Ancorado”, assemblagem com MDF, redes, cordas, plásticos, entre outros objetos, 2023, 75 cm (A) x 13 cm (P) x 75 cm (Ø).



Fig. 57 – Alexandra Grelha, 2024, “Protetora”, assemblagem com madeira, cordas, boias, espuma entre outros objetos, 95 cm (A) x 22 cm (P) x 92 cm (Ø).



Fig. 58 – Alexandra Grelha, 2023, Pormenor da peça “União”, assemblagem em MDF, boias, rede, anzóis, caneta branca, spray preto, entre outros objetos.



Fig. 59 – Alexandra Grelha, 2023, “Alcatruz”, vaso de barro com spray preto e caneta branca, 30 cm (A) x 15 cm (Ø).



Fig. 60 – Alexandra Grelha, 2023, “Abundância”, assemblagem de alguidar com anzóis, spray preto e caneta branca, 57 cm (A) x 20 cm (P) x 57 cm (Ø).

g) A análise compositiva das peças por meio da sua colocação na parede ou no chão, para serem apreciadas de diferentes ângulos, fazendo a sua documentação através de fotografias durante todas as etapas, desde as iniciais até à fotografia do trabalho final (Figs. 61-65).



Fig. 61 – Alexandra Grelha, 2023, “Ancorado”, assemblagem com diversos objetos, spray preto e caneta branca, 75 cm (A) x 13 cm (P) x 75 cm (Ø).



Figs. 62-63 – Alexandra Grelha, 2023, “União”, assemblagem com base de MDF, diversos materiais, spray preto e caneta branca, 50 cm (A) x 5 cm (P) x 52 (Ø) cm / 46 cm (A) x 3 cm (P) x 38 cm (Ø).



Fig. 64 – Alexandra Grelha, 2023, “Abundância”, assemblagem de alguidar com anzóis, spray preto e caneta branca, 57 cm (A) x 20 cm (P) x 57 cm (Ø).



Fig. 65 – Alexandra Grelha, 2023, “Alcatruzes”, vasos de barro com spray preto e caneta branca, 30 cm (A) x 15 cm (Ø)

h) A constante reflexão e análise de todo o processo criativo, e do seu resultado final: o que poderia melhorar? Tive a oportunidade de ter a opinião de diferentes públicos, porque fiz várias exposições desde norte, centro, sul. Entre estas, destaco: “Preâmbulo” na Fundação Eugénio de Almeida em Évora (14 Junho a 02 Julho, 2023); “Preâmbulo” no Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor (23 Setembro a 19 Novembro, 2023); “Preâmbulo” na Galeria Arte Graça em Lisboa (04 a 28 Janeiro,

2024); “Preâmbulo” no IPDJ Faro-Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (Delegação Regional do Algarve) (03 a 24 Maio, 2024) (Figs. 66-69).



Fig. 66 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Fundação Eugénio de Almeida em Évora, 2023.



Fig.67 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, 2023.



Fig. 68 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Galeria Arte Graça em Lisboa, 2024.



Fig. 69 – “Preâmbulo”, exposição coletiva dos estudantes do curso de Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, IPDJ, Faro, 2024.

3.2. Ancorado

No respeitante à peça “Ancorado” (Fig. 70), quis fazer algo relacionado com a firmeza, força, tranquilidade, esperança e fidelidade da comunidade dos culatrenses, e por esse motivo, nada melhor que uma âncora para representar essa ideia de união da comunidade e da sua pertença a um lugar. Primeiramente comecei a desenhar a

âncora, no centro da base circular. Seguidamente, coloquei o lixo e material encontrado à volta da âncora, para dar um pouco de relevo e contraste entre ambos. A escolha destes materiais remete à conexão com o mar e o lixo, havendo esta relação humana com o oceano e o impacto ambiental. Depois das junções, acabei por pintar toda a peça com “spray” preto. Finalizei com a caneta Posca branca, os doodles, preenchendo a âncora, para haver o tal contraste entre ambas as técnicas.

Relaciono esta peça com a minha infância, sendo um reflexo das minhas memórias ligadas ao mar, à natureza e ao impacto do tempo sobre os objetos que o mar deposita na costa. O símbolo da âncora é a minha segurança, deste elo com o mar que permanece, mesmo com o passar dos tempos, que continua a ancorar-me. O uso deste contraste, preto e branco, criou uma tensão visual forte, reforça a dualidade desta peça, onde oscila entre o passado e o presente, a natureza e intervenção humana. O preto, para mim, é mais do que uma cor, é a forma como dou a voz à peça. Simboliza profundidade e mistério, até degradação da poluição resultante da ação humana. O branco representa a luz, a espuma das ondas, a claridade refletida na água e, por fim, a memória da minha infância na Ilha.



Fig. 70 – Alexandra Grelha, 2023, “Ancorado”, assemblagem com diversos objetos, spray preto e caneta branca, 75 cm (A) x 13 cm (P) x 75 cm (Ø).

3.3. Abundância

A peça “Abundância” (Fig. 71), pretendeu simbolizar a junção das atividades da comunidade culatrense piscatória e mariscadora. A parte do material que representa estas atividades, têm um significado a nível sentimental, uma ligação e conexão das várias entidades associativas desta ilha. Em primeiro lugar, dividi o material em dois grupos, um que representa a atividade da pesca e outro que representa a atividade de mariscar. Em seguida, elaborei uma composição de ambas, deixando o centro de cada peça sem nada, porque o centro representa a união desta comunidade.

Ambas compartilham os mesmos elementos visuais e materiais. A presença da bota e das redes, representam as histórias humanas entrelaçadas ao mar e ao tempo, como se fossem vestígios de caminhos percorridos. Formando um ciclo. Por esta razão a forma como eu me identifico ao realizar estas peças, é forma circular. Onde reforço a ideia de um ciclo ou de um movimento constante. Por fim, pinte a peça toda com “spray” preto, desenhando em branco, com caneta Posca, do centro para periferia, os doodles. A justaposição entre a assemblagem e os doodles em branco, traz contraste e harmonia ao mesmo tempo. O preto, dá peso e materialidade, enquanto os traços brancos representam a leveza e a fluidez.



Fig. 71 – Alexandra Grelha, 2023, “Abundância”, assemblagem de alguidar com anzóis, spray preto e caneta branca, 57 cm (A) x 20 cm (P) x 57 cm (Ø).

3.4. União

Esta peça, tal como a anterior, foi concetualizada para significar a ligação das atividades da comunidade culatrense piscatória e mariscadora. Ambas compartilham os mesmos elementos visuais e materiais.

A presença da bota e das redes, representam as histórias humanas entrelaçadas ao mar e ao tempo, como se fossem vestígios de caminhos percorridos. Formando um ciclo. Por esta razão a forma que selecionei para realizar estas peças, foi a forma circular, onde reforço a ideia de um ciclo ou de um movimento constante, como as marés que nunca acabam.

Por fim, pinte a peça toda com spray preto, desenhando em branco, com caneta posca, do centro para periferia, os doodles. Finalizei com a caneta posca branca, os *doodles*, preenchendo a âncora, para haver o tal contraste entre ambas as técnicas.

A justaposição entre o preto e os doodles em branco, traz contraste e harmonia ao mesmo tempo. O preto, dá peso e materialidade, enquanto os traços brancos representam a leveza e a fluidez.



Figs. 72-73 – Alexandra Grelha, 2023, “União”, assemblagem com base de MDF, diversos materiais, spray preto e caneta branca, 50 cm (A) x 5 cm (P) x Ø52 cm / 46 cm (A) x 3 cm (P) x 38 cm (Ø).

3.5. Alcatruzes

Os alcatruzes são elementos que pertencem ao mar, ao trabalho artesanal e ao ato de captura de polvos, mas também são portadores de histórias e memórias, bem como de resíduos que o mar traz, tornando-se guardiões de vivências, algo que o mar encheu e esvaziou, inúmeras vezes.

Os “Alcatruzes” (Figs. 74-75) foram pintados com “spray” preto, e com caneta posca branca foram desenhados doodles. Os “Alcatruzes” são uma ponte entre todas as outras peças, e carregam marcas do tempo e do uso, reforçando a ideia do quanto o material tem histórias e que a arte pode resgatá-las.



Figs. 74-75 – Alexandra Grelha, 2023, “Alcatruzes”, vasos de barro com spray preto e caneta branca, 30 cm (A) x 15 cm (Ø).

3.6. Sustento

A peça “Sustento” (Fig. 76) é a junção de dois elementos, uma cadeira encontrada na zona de trabalho dos pescadores na Ilha da Culatra e uma cesta de verga deteriorada pelo mar. A cadeira e o cesto capturam a essência do trabalho árduo e a ligação ao mar enquanto símbolos do “ganha-pão”.

O ato criativo escolhido no respeitante à cadeira foi simplesmente deixá-la como foi encontrada, apenas foi usado “spray” preto e caneta posca branca, com doodles relacionados com a mesma atividade, a pesca. O acento de palha desgastado representa o uso, o tempo, a história, reforçando a sensação de algo vivido transmitido entre gerações.



Fig. 76 – Alexandra Grelha, 2024, “Sustento”, Cadeira de madeira com spray preto e caneta branca, 73 cm (A) x 42 cm (L) x 35 cm (P).

3.7. Protetora

A peça “Protetora” (Fig. 77) resultou da minha vontade de representar a imagem principal da ilha, “Nossa Senhora dos Navegantes”, a Protetora dos pescadores e de todos aqueles que nele permanecem. É uma imagem única, Nossa Senhora com um barquinho na mão. Comecei a desenhar a Nossa Protetora no meio da base circular, e à volta dela, coloquei resíduos, que se assemelham a um vitral, tal como o que se encontra na capela da Ilha da Culatra. Utilizei o “spray” preto para pintar a totalidade da peça, e em seguida desenhei doodles na área onde está representada a Nossa Senhora dos Navegantes, na zona central. A peça “Protetora” pretende transmitir uma forte sensação de abrigo e resistência. A presença da Nossa Senhora dos Navegantes invoca a proteção para aqueles que enfrentam o mar. A textura da rede e os alimentos marítimos reforçam a ideia da ligação com o mar. A tonalidade preta dá-lhe um caráter denso e sagrado, lembrando a profundidade do mar. Todos estes materiais utilizados contam histórias de desgaste, sobrevivência e transformação. Nesta peça existe uma dualidade entre proteção e perigo, entre o que o mar dá e o que o mar leva.



Fig.77 – Alexandra Grelha, 2024, “Protetora”, assemblagem com madeira, cordas, boias, espuma, entre outros objetos, 95 cm (A) x 22 cm (P) x 92 (Ø) cm.

CONCLUSÕES

No decorrer deste Relatório de Trabalho de Projeto, as narrativas locais conduziram-me a memórias, tanto coletivas, como as histórias de vida da comunidade culatrense, como pessoais, ao reviver das minhas vivências com esta comunidade.

O recurso narrativo usado para transmissão oral entre as gerações traduziu-se em um processo de triagem, compreensão e reordenamento, que embora pautado no presente, abre espaço para a conceção das experiências vividas.

Desde a ótica do património cultural, temos não apenas o conjunto de saberes e práticas, descritas ao longo deste trabalho, como também as próprias narrativas oralizadas à volta da ocupação e construção do lugar da Culatra, e que se constituem como um património cultural imaterial dos culatrenses.

Em suma, a identidade comunitária culatrense não fica restrita, ela circula, se abre, se expande e se molda às condições e aos elementos que lhe vão sendo viabilizados, sempre em (re)construção, quer pelos saberes e práticas associados à pesca e ao marisco, que permitem a circulação pelo mar.

A preservação e disseminação do património cultural da Ilha da Culatra, inscrito nas memórias individuais e coletivas da sua população, através das práticas artísticas de assemblagem e doodles, foi-me possível verificar de várias formas.

Através das práticas de assemblagem permitiu-me recordar as minhas memórias, pois ao reunir objetos físicos significativos, fragmentados da natureza local, que carregam aspectos de identidades locais, transformando-os em composições tridimensionais, do dia-a-dia desta comunidade culatrense.

Através das representações das narrativas da população, selecionei objetos simbólicos que traduziram essas vivências em peças artísticas, gerando novas narrativas visuais que não apenas preservam a memória material, mas também evocam as memórias afetivas e coletivas da comunidade culatrense.

Ao mesmo tempo, ao elaborar estas instalações interativas, criava obras onde os habitantes podiam contribuir com objetos ou intervenções, tornando a arte um meio de comunicação individual e coletiva na preservação do ambiente e sua exposição.

Os doodles, funcionaram como uma expressão mais espontânea e livre dessas memórias, transmitindo tanto a simplicidade quanto a complexidade dos sentimentos e das histórias.

Como uma importante prática artística contemporânea de registo visual, os doodles, tornaram-se em um veículo para capturar a cultura e memória da Culatra.

Apliquei os doodles, nos meus diários gráficos, onde interpretei as histórias locais, traduzindo relatos e lendas da ilha, que foram aplicados em papel, madeira ou azulejo.

Estas duas práticas artísticas podem ser combinadas, assemblagem e doodles, pois foi-me possível criar peças que mexiam em elementos físicos com expressões gráficas, tornando-os em arte, em meio dinâmico de preservação do património.

Essas abordagens não só mantêm viva a identidade cultural da Culatra, como também criaram novas formas de diálogo entre tradição e contemporaneidade, permitindo que a memória da ilha seja constantemente reinterpretada e compartilhada com diferentes públicos.

O meu processo criativo, ancorado nas relações de convívio e de diálogo que desenvolvi com a comunidade culatrense, combinou a liberdade criativa dos doodles com a expressão artística da assemblagem, resultando em esculturas únicas que me proporcionaram experiências criativas de grande riqueza.

No seguimento desta pesquisa, irei realizar um conjunto de instalações artísticas, com o apoio da comunidade da Ilha Culatra a fim de mostrar o património cultural e material desta ilha com as memórias individuais e coletivas desta comunidade através das práticas artísticas desenvolvidas por mim neste projeto de investigação artística, assemblagens e doodles.

Mar deixa a vida mais leve,
num encontro para breve,
como se te sentisse comigo,
um exemplo o que sempre sigo.

Perto do Mar somos mais felizes,
uma casa onde criei raízes,
onde o teu colo é o meu abrigo,
para sempre levo comigo.

Esta é para ti,
para sempre me lembrar,
lembrar-me de cada momento vivido contigo,
de cada detalhe,
de cada expressão,
de cada ensinamento,
de cada abraço e de cada sorriso,
para quem eu sempre vou recordar ,
para alguém a quem eu amei,
e sempre vou amar.

Alexandra Grelha, maio de 2025

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

- "Bordalo Team" (2019). "Biografia". Lisboa: Bordalo Team.
- Almeida, L. S. (2000). "Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação". Braga: compolito Lda.
- Bandeira, R. D e Monsell, A. J. (2018). "Assemblagem e o uso de detritos urbanos na história da arte". Revista seminário de história da arte, 01, nº 07.
- Bell, J. (2010). "Como realizar um projeto de investigação". Lisboa: Gradiva.
- Buchloh, B. (2004). "Atlas de Gerhard Richert". Revista arte e ensaios.
- Caldeira, A. (2015). "Viver da Ria – a requalificação da ilha da culatra". projeto para obtenção de grau em mestre arquitetura, Lisboa: FAUL.
- Carvalho, M. D. (2013). "Assemblagem em sala de aula – da realidade a possibilidade de mudança". Rio Branco: Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
- Castro, P. R. (2009). "The creative thinking of Paul Klee: art and music in the formation of the Theory of Form". Rio de Janeiro: UFRJ /UFF.
- Coutinho, C. (2008). "Investigação Acção: metodologia preferencial nas práticas educativas". Braga: Universidade do Minho.
- Coutinho, V. (2008). "Culatra, uma comunidade de pescadores e mariscadores". Faro: Associação dos Moradores da Ilha da Culatra.
- Craveiro, L. (2015). "Rabiscos Terapêuticos: Como os doodles podem auxiliar em Arteterapia". Monografia de conclusão de curso apresentada ao POMAR/SPEI como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Arteterapia. Rio Janeiro.
- Dondis, D. A. (2007). "Sintaxe da linguagem visual". São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira, A. F. (2018). "Bordalo II, o artista que dá nova vida ao desperdício". Braga: Revista Rua.
- Graça, L. (1997). "Guião para o desenho de um projeto de investigação". Lisboa: Universidade Nova de Lisboa;

Imbroisi, M. e Martins, S. (2016). “Paul Klee. História das Artes”. Brasil: História das Artes – Desenvolvido por Agência Rca.

Janson, H. M. (1995). “História da Arte”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kandinsky, W. (2005). “Ponto e linha sobre o plano”, Trad. de José Eduardo Rodil. São Paulo: Martins Fontes.

Lameira, F. (1993). “Hangares - Apontamentos históricos”. Faro: Câmara Municipal de Faro.

Leonardo, A. C. (2020). “Culatra, uma ilha com gente dentro”. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. ISBN 9789899004160;

Madeira, A. (2016). “Colagem e assemblage – Algumas considerações”. Revista do programa de pós-graduação em artes, cultura e linguagens Instituto de artes e design. UFJF, pp.353-369, Lisboa: Instituto Piaget.

Martinho, M. P. Martinho, A.T. (1982). “Culatra - um lugar de pescadores”, Coleção Parques Naturais nº 11, Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.

Millet, C. (1997). “A Arte Contemporânea”. Lisboa: Biblioteca Básica de Ciências e Cultura.

Moraes, J. P. (2020). “A teoria da forma de Kandinsky: uma compreensão artística e subjetiva de elementos geométricos”. Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, v. 16, n. 35, p. 45-60, abr. 2020. ISSN 2317-5125. Disponível: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/8188>.

Neves, R. (2014). “Hangares: A história do primeiro pioneiro residente - Ti Manel Lobisomem”. Volume II. Faro-União das Freguesias de Faro (Sé e São Pedro): Fábrica comercial Loulé.

Philippini, A. (2009). “Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades”. Rio de Janeiro: Wak.

Philippini, A. (2013). “Para entender arteterapia - Cartografias da Coragem”. Rio de Janeiro: Wak.

Rabelo, N. (2014). “O desenho infantil – entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores”. Rio de Janeiro: Wak.

Seruca, D. (2000). “As pequenas comunidades piscatórias do Sul - Descoberta de uma realidade”. Lisboa: Direção-Geral das Pescas e Aquicultura. ISBN 972-98445-1-8;

Silva, J. (2017). “Assemblage. Interdisciplinar Construção de um Percurso Metodológico Interdisciplinar”. Brasil: Revista do Programa Pós-Graduação em Artes da EBA/UFGM. V.7, N.14.

Vilanova, L. (2015) “Rabiscos terapêuticos: como os doodles podem auxiliar em arteterapia”, monografia de conclusão do curso para obtenção do título de especialista em arteterapia. Rio de Janeiro.

Webgrafia

Artnet. “Louise Nevelson.” Disponível em: <https://www.artnet.com/artists/louise-nevelson/sky-jag-iv-GtGcJbQUOX0Rg2z2cjt1gw2>

Artref noticias em arte contemporânea. “Mr Doodle”. Disponível em: <https://arteref.com/arte-do-dia/a-obsessao-compulsiva-de-mr-doodle-que-voce-precisa-conhecer/>

Dicio dicionário online de portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>

Equipe Editorial. “Mulheres do Expressionismo Abstrato”. Disponível em: <https://arteref.com/movimentos/artistas-mulheres-do-expressionismo-abstrato>

Escola azul. Disponível em: <https://escolaazul.pt/>

Ferreira. A. F. (2018). “Bordalo II, o artista que dá nova vida ao desperdício”. Disponível em: <https://www.revistarua.pt/bordalo-ii-o-artista-que-da-nova-vida-ao-desperdicio>

Formosamar. Disponível em: <https://formosamar.com/pt-pt>

Horta, B. (25 de janeiro de 2019). “Bordalo II chegou a Paris com uma exposição-manifesto: A arte pode mudar uma geração inteira” in Observador.

Disponível em: <https://observador.pt/2019/01/25/bordalo-ii-chegou-a-paris-com-uma-exposicao-manifesto-a-arte-pode-mudar-uma-geracao-inteira/>;

Imbroisi, M. “Assemblage” in História das Artes. Disponível em: <https://historiasdas.artes.com/lh-vivo/atelie/assemblage/>

Klee. P. (2022). “História das Artes”. Disponível em: <https://dev1.agenciarca.com.br/filmes/paul-klee-o-silencio-do-anjo/>

Mutualistas. Associação montepio, edição nº1/ Junho 2021. “Agarrar no decadente e transformá-lo em apetecível”. Disponível em: [revista-montepio-digital/edicao-1/gosto-de-agarrar-no-decadente-e-transforma-lo-em-apetecivel/?utm_source=chatgpt.com](https://revista-montepio-digital.edicao-1/gosto-de-agarrar-no-decadente-e-transforma-lo-em-apetecivel/?utm_source=chatgpt.com)

Observador. “Bordalo II chegou a Paris”. Disponível em: <https://observador.pt/2019/01/25/bordalo-ii-chegou-a-paris-com-uma-exposicao-manifesto-a-arte-pode-mudar-uma-geracao-inteira>

P55. “O Legado de Louise Bourgeois na Arte Contemporânea”, 7 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.p55.art/blogs/p55-magazine/o-legado-de-louise-bourgeois-na-arte-contemporanea?srltid=AfmBOorMJh8mMt>

Norton. “Assemblages Sculptures”. Disponível em: <https://www.norton.org/events/assemblage-sculptures-08-12-2020>

Polis litoral ria formosa. Disponível em: <http://www.polislitoralriaformosa.pt/polis.php>

Programas bairros saudáveis. Disponível em: <https://www.bairrossaudaveis.gov.pt>

Programa operacional, mar 2020. Disponível em: <https://mar2020.pt>

Pro hydrousa. Disponível em: <https://hydrousa.org>

Público. (2012). “Keith Haring primeiros passos”. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/04/11/culturaipsilon/noticia/keith-haring-primeiros-passos-303331>

Rodrigues, J. (2017). “Quem é bordalo II - homem que do lixo faz arte”. Notícias Magazine (jornal de notícias). Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2017/bordalo-ii/historias/184117>

Simiris. M. (2019). “Escuteiros belgas trocam EUA por ação de limpeza na Culatra”. Disponível em: <https://www.barlavento.pt/escuteiros-belgas-trocam-eua-por-acao-de-limpeza-na-culatra/>

Tate Gallery. “Louise Nevelson”. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/louise-nevelson-1696>

UAlg. “Culatra 2030 – comunidade energética sustentável”. Disponível em: <http://www.culatra2030.pt/index.html>

Figuras

Fig. 1 – Dubuffet Jean, “Portrait d’homme”, 1957, asas de borboleta, tinta e guache s/papel, 24 cm (L) x 16 cm (A). Disponível em: <https://www.mutualart.com/Artwork/Portrait-dhomme/2822AEBC8E97BBC8>

Fig. 2 – Louise Bourgeois, “Cell XXV (The View of the World of the Jealous Wife)”, 2001, aço, madeira, mármore, vidro e tecido, 254 cm (L) x 304,8 cm (A) x 304,8 cm (P). 106,7 x 132,1 x 20,3 cm. 343.9 cm (L) x 305.4 cm (A) x 45.7 cm. Disponível em: <https://www.objektiv.no/journal/2022/3/11/thecells>

Fig. 3 – Louise Nevelson, “Sky Jag IV”, 1974, 124,5 cm (L) x 130,8 cm (A) x 24,1 cm (P). Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/louise-nevelson/sky-jag-iv-1974>

Fig. 4 – Louise Nevelson, “Sky Wall”, 1980, 42 x 52 x 8 pol. (106,7 x 132,1 x 20,3). Disponível em: <https://www.norton.org/events/assemblage-sculptures-08-12-2020>

Fig. 5 – Louise Nevelson, “Sky Cathedral”, 1958, 124.5 cm (L) x 130.8 cm (A) x 24.1 cm (P). Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/81006>

Fig. 6 – Bordalo II, “O Caranguejo”, 2013, Açores, assemblagem, s.d.

Fig. 7 – Bordalo II, “Our Gift to Mother Nature”, Lisboa, 2013, assemblagem, s.d. Disponível em: <https://streetartnews.net/2013/12/bordalo-ii-our-gift-to-mother-nature.html>

Figs. 8-9 – Bordalo II, “Pelican”, Aruba, 2016, assemblagem, s.d. Disponível em: <https://streetartnews.net/2016/09/pelican-by-bordalo-ii-in-aruba.html>

Figs. 10-11 – Bordalo II, “Half Rabbitt”, Vila Nova de Gaia, 2017, assemblagem, s.d. Disponível em: <https://streetartnews.net/2017/06/half-rabbit-by-bordalo-ii-in-vila-nova-de-gaia-portugal.html>

Fig. 12 – Bordalo II, “Cavalo Marinho”, Ualg, 2021, s.d. Disponível em: <https://www.sulinformacao.pt/2021/04/cavalos-marinhos-de-bordalo-ii-sao-arte-feita-de-desperdicio/>

Fig.13 – Bordalo II, “Cavalo Marinho”, Praia de Faro, 2021, s.d. Disponível em: <https://www.sulinformacao.pt/2021/04/cavalos-marinhos-de-bordalo-ii-sao-arte-feita-de-desperdicio/>

Fig.14 – Alexandra Grelha, “Doodles elaborados por mim, pelo meu avô, e amigos”, 2025, dimensões variadas.

Fig. 15 – Google, “Portugal National Day”, logótipo, 2024. Disponível em: <https://doodles.google/doodle/portugal-national-day-2024/>

Fig. 16 – Google, “Sophia de Mello Breyner Andresen’s 103rd Birthday”, logótipo, 2022. Disponível em: <https://doodles.google/doodle/sophia-de-mello-breyner-andresens-103rd-birthday/>

Fig. 17 – Google, “Fernando Pessoa’s 123rd Birthday”, logótipo, 2011. Disponível em: <https://doodles.google/doodle/fernando-pessoas-123rd-birthday/>

Fig. 18 – Kandinsky, “Composição VIII”, 1923, pintura a óleo sobre tela, 140 cm (A) x 201 cm (L). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Composi%C3%A7%C3%A3o_VIII_\(Kandinsky\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Composi%C3%A7%C3%A3o_VIII_(Kandinsky))

Fig.19 – Mr Doodle, “MTV”, 2018, doodles, s.d. Disponível em: <https://cenemagazine.co.uk/features/2020/3/19/mr-doodle-where-i-draw-the-line>

Fig. 20 – Sam Cox, “Doodle House”, 2022, s.d. Disponível em: <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2022/10/14/54494-the-doodle-house-a-casa-onde-e-impossivel-entrar-sem-ficar-tonto>

Fig. 21 – Keith Haring, “Untitled (Dance)”, 1987, tinta acrílica sobre tela, 213,4 cm (A) x 304,8 cm(L). Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/keith-haring/untitled-dance-1987>

Fig. 22 – Keith Haring,” Fold 'n Please Card”, 1998, tinta acrílica e marcador sobre papel, 21,6 cm (L) x 13,3 cm (A). Disponível em: <https://www.invaluable.com/auction-lot/25-keith-haring-1998-dance-posters-118-c-d9e4e4a8cb>

Fig. 23 – Keith Haring, “Todos Juntos Podemos Parar el SIDA”, Barcelona, 1989, tinta acrílica sobre mural, aprox. 400 cm (L) x 1000 cm (A). tinta acrílica sobre tela, 213 cm (L) x 213 cm (A). Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Todos_Juntos_Podemos_Parar_el_SIDA

Fig. 24 – Keith Haring, “Gay/Lesbian Pride Day”, Nova Iorque, 1986, tinta acrílica sobre tela, 213 x 213 cm. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/keith-haring-keith-haring-illustrated-announcement-for-gay-slash-lesbian-pride-day-new-york-1986>

Fig. 41 – Culatra2030. (2023) Disponível em: <https://www.sulinformacao.pt/2023/06/culatra2030-ganha-premio-verde-e-folego-para-continuar-a-transicao-energetica>

ANEXOS

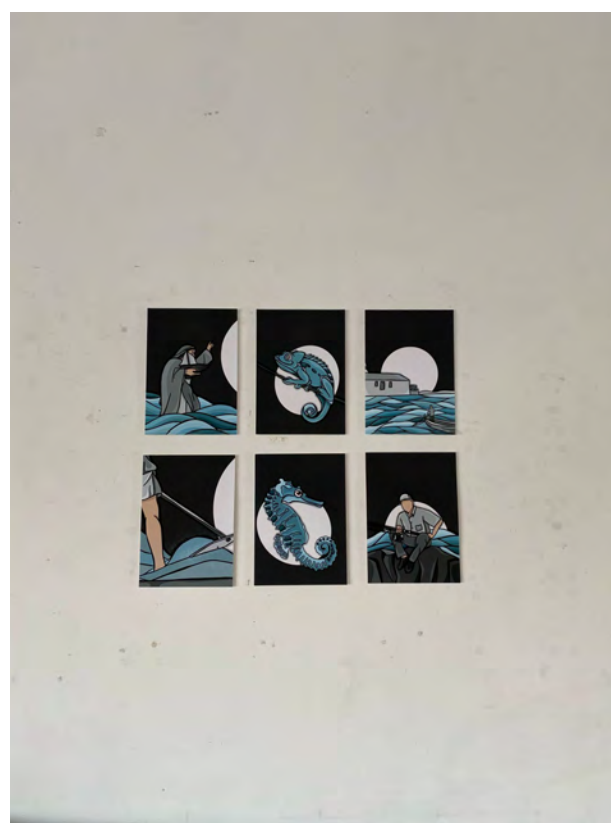
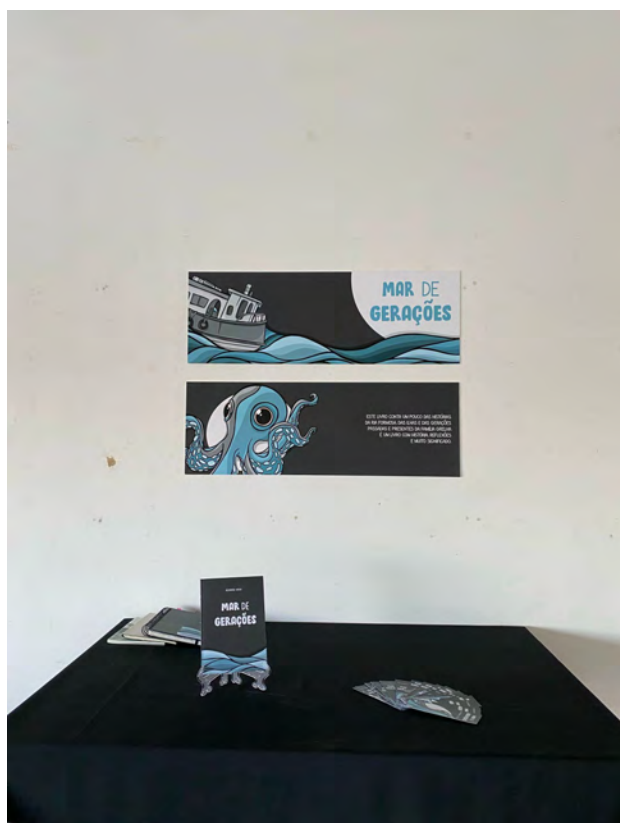
ANEXO I – Trabalhos do 1º ano Curricular



Figs. 78, 79 e 80 – Alexandra Grelha, '2023, 'Eu'', ilustração digital do livro "Mar de Gerações",
pág. 62, pág. 58 e págs. 56-57, respetivamente.



Figs. 81-83 – Alexandra Grelha, 2023, "Av"ô, ilustrações digitais do livro "Mar de Gerações", "Cavalo Marinho", "Nossa Senhora dos Navegantes" e "Salinas", pág. 50, págs. 20, págs. 80-81, respetivamente.



Figs. 84-86 – Alexandra Grelha, 2023, Imagens da exposição de trabalhos no âmbito da avaliação do 1º ano curricular do curso de mestrado, Colégio dos Leões, UÉ.

ANEXO II – Levantamento do lugar através de registos fotográficos realizados de 2023 a 2024.



Figs. 87-89 – Alexandra Grelha, 2023, “Barcos”, “Zona de Pescadores”, “Pormenor das Boias”, fotografia a p/b, dimensões variadas.



Figs. 90-92 – Alexandra Grelha, 2023, “Pormenores de objetos”, “Gaivota”, “Banco de praia”, fotografia digital a p/b, dimensões variadas.



Figs. 93-95 – Alexandra Grelha, 2023, “Gaivota”, “Pescador I”, “Pescador II”, fotografia digital a p/b, dimensões variadas.



Figs. 96-98 – Alexandra Grelha, 2023, “Barco da carreira”, “Material na Zona de Trabalho”, “Barcos II”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.



Figs. 99-101 – Alexandra Grelha, 2024, “Destroços de um barco”, “Barco e Materiais”,
“Material II”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.



Figs. 102-104 – Alexandra Grelha, 2024, “Zona de trabalho dos pescadores”, “Barco Tradicional”, “Apanha do Material”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.



Figs. 105-107 – Alexandra Grelha, 2024, “Âncora”, “Redes”, “Material III”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.



Figs. 108-109 – Alexandra Grelha, 2024, “Pescador III”, “Lixo”, “Barco de Festejo”, fotografia digital a cores, dimensões variadas.

ANEXO III – Registos videográficos

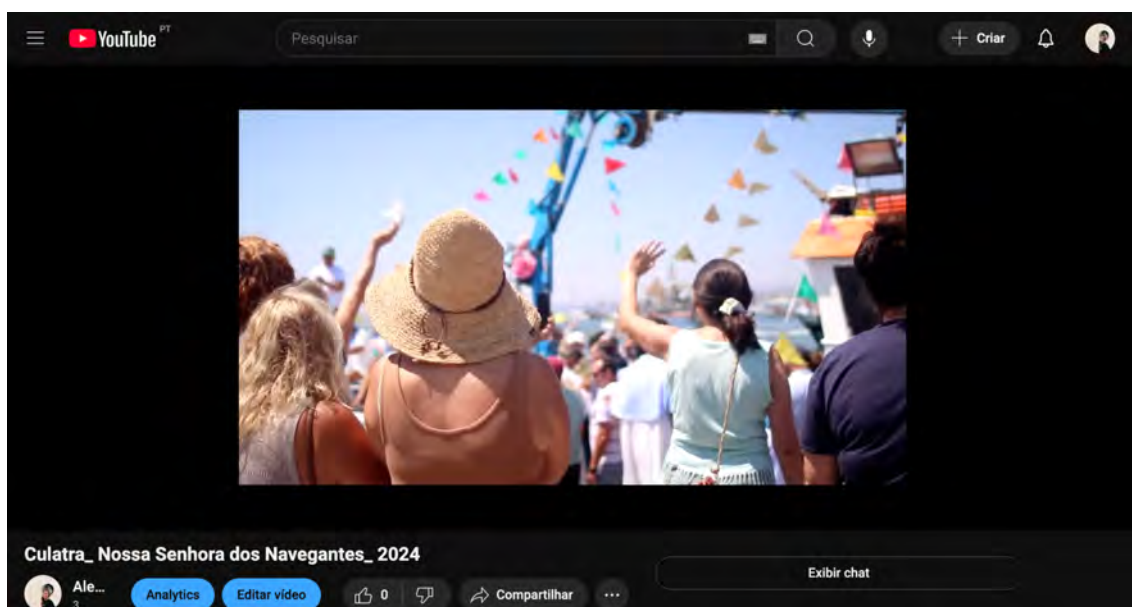


Fig. 110 – Alexandra Grelha, 2024, “Mar de Gerações - Ilha da Culatra”, vídeo HD,
<https://www.youtube.com/watch?v=6wS6wI--6Ck>



Fig. 111 – Alexandra Grelha, 2024, “Culatra - Nossa Senhora dos Navegantes”, vídeo HD,
<https://www.youtube.com/watch?v=ENk6-5vRJ3g>

ANEXO IV – Entrevistas à comunidade Culatrense

Entrevista a Patrícia Grelha

Março de 2023

Intervenientes:

Alexandra Grelha, entrevistadora: A.G.

Patrícia Grelha, entrevistada: P.G.

PG – Fui destacada em 2002, para a Ilha da Culatra, como enfermeira, trabalhei com uma pequena equipa, uma administrativa, uma assistente operacional, um médico, 1x por semana, outras vezes, vinha 2x por semana.

O melhor momento que eu tive, além de saber que nesse tempo, nós conseguimos ficar a fazer plano de verão, que era feito pelos enfermeiros, nós ficamos 1/2 meses os dias todos, desde segunda a segunda, tínhamos sempre a porta aberta na altura do verão.

Nesta ilha, adquiri grandes laços de amizade, não só pela ilha, que está no meu coração, mas sim pelas pessoas que me apoiaram.

Isto porque foi um momento da minha vida em que eu estava apenas com os meus 2 filhos, estava sozinha sem o pai dos meus filhos. E fui acariciada por esta comunidade da ilha da Culatra. Tive muito boas pessoas ao meu lado, que me apoiaram, ajudaram no crescimento dos meus filhos.

Os meus filhos cresceram aqui ao longo destes anos que eu trabalhei na ilha. Foram momentos de grande paixão a nível de tratar as pessoas que até hoje me desejam que eu volte a trabalhar na Ilha Culatra porque dentro de mim ainda existe a vontade de voltar a trabalhar com esta população.

Adorei e adoro a estação de verão, porque é quando existe o grande convívio de antigamente dos bailes, porque era onde havia o convívio, a união, as famílias iam todos juntas para o baile, comíamos e bebíamos juntos, dançamos juntos. Havia uma

união, sempre senti que os habitantes da Ilha da Culatra são muito queridos, quando é para ajudar ou para tomarem uma decisão de alguma coisa, elas conseguem se juntar, mesmo que não sejam boa vizinhança, mas juntam-se e tentam atingir os objetivos.

A nível de recursos, vejo que, a ilha, necessitava muito na área da saúde, o grande apoio, e acho que esta população que vai envelhecendo deveria não só esses 2 dias ou 1 dia, mas sim estar cá permanentemente uma enfermeira. E porque a porta do centro de saúde da Ilha da Culatra deveria estar sempre aberta para todos os habitantes desta Ilha, seja habitante, ou seja, flutuantes, não interessa, o que interessa é que a porta da Saúde estivesse sempre aberta para a comunidade.

A.G. – O que é que a ilha significa para si?

P.G – Naquele momento em que eu comecei a trabalhar aqui na ilha, foi como se me tivessem acolhida como família, e ajudaram-me no processo que estava a desenvolver de um divorcio, do crescimento dos meus filhos, foi onde eu ganhei a força de vencer e seguir em frente, até hoje tenho esse apoio, mesmo que seja no Natal, Páscoa, há sempre um telefonema, há sempre alguém que se lembra que eu passei nesta ilha. Não consigo deixar de vir à ilha, parece que de vez enquanto tenho de vir trabalhar um bocadinho para a ilha e sentir que a ilha ainda me pertence.

Entrevista a Cecília Maria da Conceição Mendonça

Março de 2023

Intervenientes:

Alexandra Grelha, entrevistadora: A.G.

Cecília Maria da Conceição Mendonça, entrevistada: C.C.

A.G.– Fale-me um pouco da sua vida

C.C. – Olhe, a minha vida é assim: tenho 71, nasci na ilha, tenho mais 5 irmãos (todos nascidos cá), casei cá, trabalhei cá, formei família cá, tenho 3 filhos. Casei os 3 filhos.

A.G. – Quantas Gerações vivem cá na Ilha? (da sua Família

C.C. – O meu pai veio, porque antes as pessoas não eram residentes cá, vinham para fazer vida cá, Ele era pescador. Ela trabalhava como auxiliar de enfermagem em Tavira. E conheceram-se lá, e então eles vieram para a ilha, pronto ela saiu do trabalho. Vieram os 2 fazer vida, porque como ele era pescador, ela seguiu, andaram pelas praias até que formaram residência aqui, acamparam na ilha da Culatra. E na Ilha da Culatra, nasceu a geração dela, teve o meu irmão mais velho, que faleceu com 86 anos, depois de 4 em 4 anos, teve os filhos, tendo rapazes e por fim nasci eu e a minha irmã, portanto ela foi mãe de 6 filhos, todos residentes aqui na ilha.

Depois eu também formei família aqui, agora os meus filhos procuraram outras raparigas, foram buscá-las a outros sítios, já formaram família. Mas, continuam cá, com raízes deles, tem casa cá, e cá eles vivem. Já tenho 4 netos e 2 bisnetos.

A.G. – O que significa a ilha para si?

C.C. – Ah, tudo. A minha vida é aqui, pois é aqui que eu me sinto bem, é aqui que eu tenho o amor, e é aqui que eu quero viver a minha vida toda.

A.G. – E ajuda as outras pessoas?

C.C. – Ajudo, gosto muito de cuidar das pessoas, trabalhei aqui na área da Saúde como administrativa, fiz todo o meu percurso aqui.

A.G. – Para si aqui, qual seria o símbolo que pudesse representar a ilha?

C.C. – Sei lá, uma onda. Que significa que o mar enrola na areia, liberdade, tudo, porque uma onda transmite tudo. Se tu olhares para uma onda, transmite paz, transmite liberdade, transmite amar, porque há várias, e espalham-se na areia. "Vão e voltam sempre".

Há uma canção que diz: "O mar enrola na areia, ninguém sabe o que ele diz, entra e bate na areia e desmaia porque se sente feliz".

Entrevista a Rui Ferreira da Conceição

Março de 2023

Intervenientes:

Alexandra Grelha, entrevistadora: A.G.

Rui Ferreira da Conceição, entrevistado: R.C.

A.G. - Fale-me um pouco da sua vida?

R.C. – Nasci na ilha, tenho 63 anos. Os meus pais são de Vila Real de Santo António e Santa Luzia, tem 2 irmãs, 4 irmãos (1 já falecido, que também vivem na ilha. A sua profissão é marítima. Atualmente ainda ando ao mar, na lida do polvo. A pesca começa às 5/6 da manhã, regressa 12/13h.

A.G.- O que significa a ilha para si?

R.C. – Esta ilha significa tudo, onde nasci, amizade às coisas torna isso muito importante. É muito importante para mim.

Em 1987, a ilha vivia no 3º mundo, não havia água, luz e não tínhamos nada. Muito isolado, sem nada, comparado com Olhão e Faro, por sorte já havia médicos, em relação a isso houve alguma evolução.

A partir daí, os culatenses lutaram (não contra ninguém, mas sim pelos seus direitos).

Foi eleito Presidente para Associação Moradores da Culatra. Desde essa altura continuam com a presidência não só dos moradores como também de outras instituições. Trabalhei sempre em benefício para a ilha.

Tenho uma filha, que neste momento pertence à Cruz Vermelha Portuguesa em transição para proteção civil, que dá apoio à população culatrense, seja em que situação for. É muito agarrada à ilha e não quer ir embora. Estudou fora, mas regressou para residir e criar o seu filho. Trabalha em benefício à comunidade. Está a seguir os passos do pai Rui. E gosta de contar as histórias do seu pai.

A.G– Conte-nos um episódio triste de si?

R.C. – A morte dos meus pais, mas um episódio triste em relação à ilha, foi viver como vivíamos no terceiro mundo, mas éramos felizes porque éramos uma comunidade unida.

Naquela altura eram mais unidos, podia não haver água luz, mas havia mais comunicação. Não sentia mágoa por não ter as necessidades. O que trouxe o afastamento para nós, foi a tecnologia. Existe a amizade, mas a união acabou por diminuir por causa da tecnologia. A Culatra não está dividida, "porque quando se diz que quando vem mais pessoas que não são culatenenses, eles também trazem "bagagem" para nós montarmos, existe partilha de "valores" de experiência" algo positivo para a ilha.

A.G – Conte-nos uma memória feliz?

R.C. – A memória feliz foi a inauguração da luz. Na altura era presidente dos moradores e acreditei sempre para esta conquista. Foi uma grande alegria.

A.G – Neste momento, o que é que você mudaria na ilha?

R.C. – Mudava a compra de casas para alugar, ou seja, as pessoas que veem para Culatra só veem para usufruir do dinheiro e não para usufruir da ilha, porque naquele tempo antes de haver luz, tínhamos muitas pessoas estrangeiras, portuguesas, mas viviam na ilha, a casinha que eles tinham eram deles, agora não, agora compram para investimento.

Quando se fala em alugar, eu tenho uma coisa muito importante, eu acho que os pescadores cá vivem tenham uma sala, tenha um quarto, que tenham um pedacinho de espaço que possam alegar, para a alternativa a pesca que eu concordo com isso, não concordo é que comprem casas aqui no local e amanhã é um hostel. Também não sou contra essas pessoas que compram, mas sou contra o comércio desse momento que não é próprio. Porque eu defendo a identidade da Culatra.

E a identidade da Culatra somos aqueles que cresceram, nasceram e morreram. E não aqueles que usufruem a ilha para benefício próprio deles, também há alguns da culatra que fazem isso, mas enfim, até esses eu perdoo, pois é alternativa à pesca ou à profissão que têm.

A.G. – Numa só palavra define a sua ilha?

R.C. – Maravilhosa, linda, agradável, acolhedora.

A.G – Neste momento qual será o seu maior desafio?

R.C. – A legalização de todo este núcleo para que os pescadores da culatra e aqueles que vivem ligados ao mar tenham cá casas e consigam viver. Para que os nossos filhos tenham direito a permanecer nas nossas casas, com título. O maior desafio é a identidade do núcleo da culatra.

A.G. – Para si, qual seria o símbolo que pudesse representar a ilha?

R.C. – Um barco, uma capela, talvez.

O barco ou a capela da Nossa senhora dos navegantes dentro desse contexto. Porque a nossa senhora dos Navegantes é a vossa protetora.

É, nossa protetora, embora os pescadores que somos, só gostamos da Nossa Senhora quando estamos aflitos, fora daí gostamos muito, mas não são grandes seguidores.

A.G – Rui queria perguntar-lhe, se a ilha também tem 4 estações?

R.C. – A ilha só tem 1 estação. Para mim, só tem 1 estação.

É verão, é primavera o ano todo, porque nós vivemos cá, não temos noção disso, agora, há uma estação que é muito pessoal, que é o verão.

O verão, com o conhecimento, e com a forma como nós já divulgamos a culatra, desde a ostra, desde a amêijoia, desde o peixe, desde disso tudo, a ilha começou a ter muito movimento, é o Verão. Ela tem o ano todo, mas aqueles 3 meses de verão, são meses mais movimentados, não só pela festa da Nossa Senhora, mas também pelos bailes.

A nível do mar, o que é que o mar nos traz durante a época, porque eu pensava que havia só a época, a época fria e a época quente. Não porque isto modificou tudo, neste momento em tempos atrás poderia acontecer, mas agora não, as águas são sempre quentes. Eu pesco o ano inteiro. Poderá haver no verão mais linguados, agora nos meses abril, maio, mais chocos.

Uma coisa que não falamos aqui, falamos muito dos pescadores, mas esquecemos das mariscadoras. A Lena é uma das mariscadoras porque aqui o essencial do homem é a mulher.

A Lena apanha as amêijoas de semente para deitar no viveiro, que é uma das nossas atividades de ganha-pão. aquelas mulheres de raiz que nunca se irá esquecer porque elas iam com os filhos para a maré, antes de haver o infantário, essas mulheres nunca poderão ser esquecidas nesta ilha. Ainda agora existem muitas, na qual a Lena é uma delas, que nos ajuda muito ao homem, pois são lutadoras, são fortes, muito fortes e a Patrícia sabe.

Entrevista a Maria Madalena dos Santos P. Conceição

Março de 2023

Intervenientes:

Alexandra Grelha, entrevistadora: A.G.

Maria Madalena dos Santos P. Conceição, entrevistada: M.C

A.G – Quantos anos vive na ilha?

M.C – Já tenho 63 anos, nasci cá e vivi sempre cá. O meu pai por acaso era de Tavira, mas depois vieram para aqui, viveram sempre aqui. A nossa vivência foi sempre aqui.

A.G – Neste momento qual é a sua profissão

M.C – Viveirista e mariscadora.

A.G – Quer falar um bocadinho da sua vida?

M.C – Tive uma infância, posso dizer que fui feliz, apesar de não ter aquele brinquedo que eu gostaria, mas tive sempre uma infância muito feliz, gostava muito de brincar, em vez do brincar com as meninas brincava com os rapazes quando andava na escola.

Mas toda a minha infância por acaso eu gostei muito. Sempre vivi aqui e sempre adorei estar cá.

Entretanto casei-me, tive uma menina, tenho a Claudinha, que eu adoro e amo-a profundamente.

A.G – Para si o que significa a ilha?

M.C – Para mim a ilha é tudo. É tudo, como nasci cá, toda a minha infância foi aqui, tudo o que se faz para a ilha para mim é um grande orgulho e fico muito feliz. Isto é mesmo verdade de coração.

A.G – Diga-me um episódio que tenha marcado mais aqui na ilha?

M.C – Por acaso não tenho nada que possa dizer triste, mas como o Rui ainda abocado mencionou sobre a luz. Porque nós não tínhamos nada, não tínhamos água, não tínhamos luz, nada, estávamos aqui muito isolados, e desde que depois veio a luz para cá, tudo isto modificou. E quando a luz chegou, pela primeira vez, isto era como uma criança que não tem um brinquedo e aquele brinquedo foi uma alegria imensa.

A.G – E um episódio alegre?

M.C – Cantar, quando vou na procissão é viver a Nossa Senhora e gritar é sempre uma alegria. Por acaso é a coisa que eu mais gosto de fazer.

A.G – Qual foi o seu maior desafio e dificuldade que sentiu até hoje? Aqui na ilha

M.C – Não tenho nada assim que possa dizer "desafio".

Por acaso as coisas, têm sempre corrido assim do lado do bem, não vou dizer do mal que não, até hoje tem sido sempre igual, não tem mudado nada.

Olha, já fiz formação de catequista, já dei catequese aos miúdos, portanto já tive também uma ocupação opcional, mas agradecendo aqui ao Rui. No infantário também gostei muito de coisas totalmente diferentes de todo o meu trabalho que faço.

Por acaso foi uma experiência muito interessante e muito boa, gostei.

Além de estar sempre aqui na amêijoa, mas gostei desse período, tive a cinco ou seis meses, ou mais, mas gostei.

A.G – Quer falar um bocadinho quando tinha a sua filha pequenina e quando ia para o mar

M.C – Não posso dizer que tive dificuldade porque o infantário foi muito importante para a nossa Culatra. O aparecimento do infantário veio-nos ajudar.

A.G – Numa só palavra define a sua ilha?

M.C – A minha ilha é maravilhosa, eu gosto muito da nossa ilha, da nossa não, da ilha que é de todos nós, mas gosto muito da ilha.

A.G – O que é que poderia neste momento mudar na ilha?

M.C - Há muita coisa que tem de mudar. Assim como aos nossos pescadores, tinham de fazer um bocadinho mais de mudança na limpeza. A limpeza é muito importante, temos de mudar a mentalidade dos pescadores. Eu era boa para ser Fiscal, eu ia ali fazer uma chamada de atenção porque aquilo que é feito e aquilo que agora está tão bonito.

A.G – Se pudesse simbolizar esta ilha, que tipo de objeto poderia construir para simbolizar esta ilha?

M.C – O banquinho da Nossa Senhora dos Navegantes, não é por acaso que temos aquela imagem, que é única que tem um barquinho na mão, por algum motivo foi.

Esta imagem é única. Nossa Senhora está toda cheia de graça.

ANEXO V – Trabalho em colaboração com a Revista AMagazine e Museu Nacional do Azulejo, 2024, Lisboa



Figs. 112-115 – Alexandra Grelha, 2024, Oficina de criação de azulejos, Museu Nacional do Azulejo.



Figs. 116-118 – Alexandra Grelha, 2024, Montagem da peça “Cavalo Marinho”, azulejos pintados a preto, dimensões variadas, Museu Nacional do Azulejo.